

PREÂMBULO

VICIOS COMPORTAMENTAIS HERDADOS DA COLONIZAÇÃO

Os europeus trouxeram-nos a ideia de um referenciamento, de domínio, de conquista, de homogenização, negando todas – e diferentes – formas de ver o mundo. Ou seja, uma modernidade exploratória e predatória. O mesmo ocorre ainda hoje, onde as chamadas minorias são vistas como sub-humanas – sejam indígenas, negros, mulheres, crianças, quilombolas, mentalidade e comportamento repressores, despóticos que se estendem aos animais, às florestas, aos rios. A obsessão consumista, secularizada que destrói valores humanos e ambientais. Para o capitalismo selvagem, tudo é objeto, tudo é para ser comprado, pilhado, usado, não importando valores e consequências.

Tudo o que existe é obra da Criação e dessa forma deve ser honrada. Toda violência contra a Criação é uma apostasia e os que servem egoisticamente às riquezas e ao poder temporal têm já sua recompensa – e que, convenhamos, não será das melhores! O homem entenderá, em algum momento, que toda polarização, toda individualização, todo personalismo – seja mercantil, étnico, confessional, nacionalista, de gênero e afins – levam ao fanatismo, à arrogância, ao ódio, devendo ser extirpados, substituídos pela fraternidade, reciprocidade, dignificação humana. Temos, pois, que renovar nosso pensar, exercitar a cordialidade, agir sempre de forma socialmente harmônica, construtiva.

Segundo o líder indígena e ambientalista Ailton Krenak, precisamos repensar urgentemente nossas relações para com o mundo; segundo ele, não habitamos espaços para destruição, mas espaços e história carregados de significação, de partilha, de reverência, redenção, diálogo e silêncio criativo (“Ideias para adiar o fim do mundo”. Companhia de Letras, 2019). Quem se diz cristão, deve, pois, exercer sua experiência de fé, de preocupação e cuidado com as pessoas e seu habitat, com partilhamento, vivência, entremeio a quaisquer vicissitudes ou situações – uma reinvenção em pleno deserto. “O ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que se projeta e se faz, eis a característica singular do ser humano” (Leonardo Boff).

Biblioteca

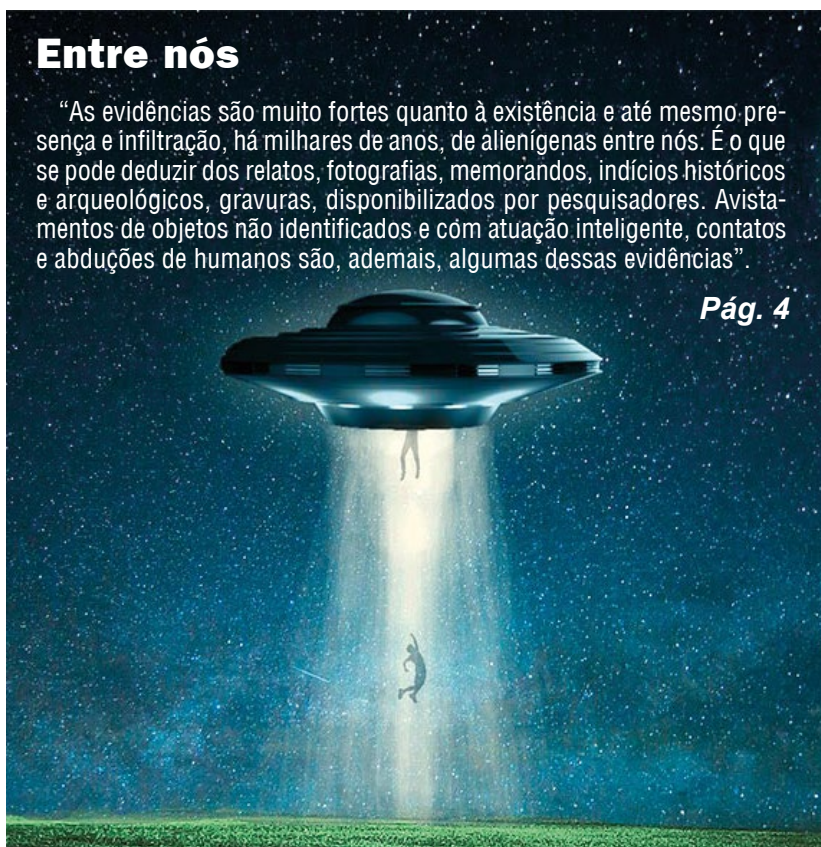
Para os gregos, que cunharam o termo, uma mistura entre byblion (papel, papiro) e theke (caixa, cobertura). Para uma educadora são-tiaguense, um sonho até o fim dos anos 1970. Em artigo colaborativo, Nilza Trindade de Moraes Campos conta essa história.

Pág. 3

Entre nós

“As evidências são muito fortes quanto à existência e até mesmo presença e infiltração, há milhares de anos, de alienígenas entre nós. É o que se pode deduzir dos relatos, fotografias, memorandos, indícios históricos e arqueológicos, gravuras, disponibilizados por pesquisadores. Avistamentos de objetos não identificados e com atuação inteligente, contatos e abduções de humanos são, ademais, algumas dessas evidências”.

Pág. 4



Serra, que serra!

Tiradentes, São João del-Rei, Prados, Santa Cruz de Minas e Coronel Xavier Chaves têm mais em comum do que sua mineiridade. Todos esses municípios são rodeados por um paredão imponente de pedra, com 12km de extensão, guardando também fauna, flora e vida em todos os pontos. Conheça a Serra São José.

Pág. 10

O chapéu de São Tiago

Sua festa foi trazida ao Brasil pelas famílias de colonizadores portugueses em decorrência dos conflitos político-religiosos entre eles (cristãos) e muçulmanos (mourous). Em nossa cidade, São Tiago é comemorado no dia 25 de julho e um dos pontos altos da festa, dentre outros, é a 'imposição do chapéu”.

Pág. 17

ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Tem oito letras e tirando metade ainda ficam oito.
- 2- O que é, o que é? O lugar mais certo do Brasil.
- 3- O que é, o que é, nasce branco, fica verde, fica vermelho e por fim acaba preto?

Respostas: 1- Biscoito; 2- o sertão; 3- o café

Provérbios e Adágios

De longe também se ama.
É pensando ser rico que se fica pobre.
Flagrado com a boca na botija.
Andar na pindaíba (estar sem dinheiro)

Para refletir

- Truques e traições são práticas de tolos que não tem raciocínio suficiente para ser honestos (Benjamim Franklin)
- Honestidade é um grande presente. Não espere recebê-lo de gente mesquinha (Warren Buffet)
- Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo... Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer (Fernando Pessoa)
- Toda vez que se esmaga um princípio a troco de um interesse, se semeia, com isso, um germen de anarquia, que não tardará em brotar dificuldades ou crimes contra a ordem social (Rui Barbosa)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA

TAÇA DA BOA E MÁ SORTE

Tivera uma infância difícil, traumática, nascido em família de agricultores empobrecidos. Órfão de pai, ainda em tenra idade, vitimado o chefe de família por cirrose pulmonar crônica, por força do duro, torturante serviço campestre. Com a prolongada doença e depois morte do pai, continuaram mãe e os filhos residindo no velho sítio, onde passariam a ser esbulhados por vizinhos e mesmo familiares do marido falecido, alugando-lhes as terras e benfeitorias por ninharias. Isso quando pagavam, levando viúva e filhos à incúria.

Ele, o filho mais velho, com a ajuda de familiares e pessoas generosas, conseguiu cursar o 1º e 2º graus no educandário local, deslocando-se, para tanto, a pé, da roça diariamente até a cidade, cerca de 8 km. Terminado o 2º grau (ensino médio), onde se sobressaía em matemática e ciências exatas, decide dirigir-se à Capital, a fim de buscar um rumo na vida e assim poder ajudar os familiares no interior. É o que almejava.

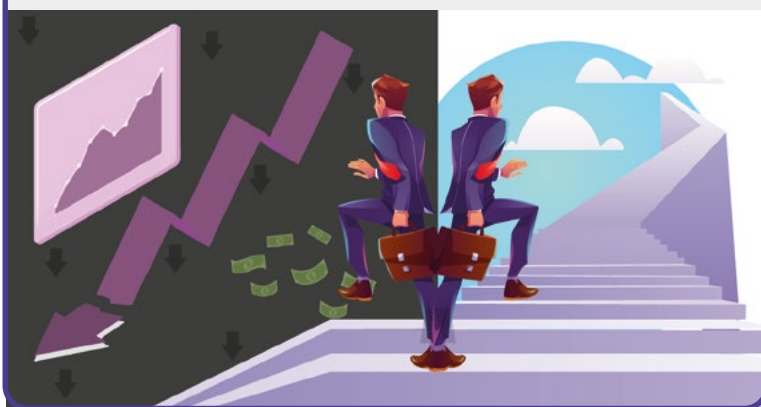
Conseguiria emprego, com a indicação de conterrâneos residentes no bairro operário, numa firma da área de alimentos, que mantinha vários quiosques e lanchonetes pela região metropolitana, iniciando-se em pequenos afazeres – limpeza em geral, empacotamento e pesagem de produtos, controle de estoques. Dedicado, arguto, bem apessoado, com bom domínio de matemática, em pouco tempo atraiu a atenção e cuidados da proprietária da empresa, sensibilizada igualmente com a penosa história familiar do jovem empregado. Remaneja-o para o escritório central da empresa com substancial aumento de salário, com novas funções, mais esmeradas e exigentes, no que o moço viria a se sobressair muito bem. Estimula-o a cursar faculdade, matricula-o em cursos de inglês e informática, bem como a participação em eventos empresariais do ramo – feiras, convenções, workshops – preparando-o, quicá, para se tornar um dos executivos da empresa. Inclui, ademais, o jovem em seu círculo familiar e social, passando ele a frequentar a casa da proprietária e ainda altos circuitos empresariais.

Agora, uma questão de múltipla (perdão, dúplice) escolha:

() o jovem brilhante não desperdiçará a oportunidade, aprimorando-se sempre pessoal, profissional e intelectualmente, galgando assim altos cargos executivos na empresa e esta, graças ao talentoso administrador, tornar-se-ia um poderoso conglomerado abastecedor/distribuidor de produtos e insumos na área de alimentos na capital e outros centros do País. Uma referência no setor de serviços e de comércio, requisitado igualmente para palestras, entrevistas, convenções, um orgulho para a proprietária do empreendimento, que, um dia, acolhera o jovem órfão interiorano, tornando-se sua protetora e mecenas.

() Posto e salários melhorados, o moço, imprudentemente, logo se distingue no mundo dos negócios lícitos e ilícitos, aventurando-se em aplicações de risco, envolvendo-se com sofisticadas mulheres executivas e socialites, viagens faustosas, o que exigia altos custos financeiros, sociais e pessoais. E porta aberta para deslizes. Passado algum tempo, a auditoria da empresa faz alertas quanto a fraudes que, apuradas, levam à pessoa do jovem, conhecido - até então - como talentoso moço interiorano.

A empresária, que passara a vê-lo quase como um filho, na mais funda decepção, simplesmente chora, deplora... Entre a taça da boa e da má sorte, o jovem optara pela “doçura da bebida”, pelo “vinho embriagante, adstringente da luxúria”, como rezam os manuais esotéricos..



Realização:



Apoio:



A BIBLIOTECA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO E LAZER

Biblioteca: coleção de livros. Um conceito que já seria suficiente para entendermos pois quem gosta de livros gosta de biblioteca. Esta coleção de livros deve ser organizada em estantes – numa sala adequada, contendo espaços... mesas e cadeiras para que os leitores possam fazer suas leituras, em busca de informação, conhecimento, entretenimento... desenvolvendo sempre o hábito de leitura por sua vez motivado pela fantástica arte de ouvir e contar histórias. Hora do conto é um momento indispensável em nossas casas... na escola... onde quer que seja – em função da própria oralidade. Daí, leitura... literatura... histórias e poesias – como todos nós sabemos, são fontes de cultura, autorrealização e lazer! A biblioteca com esses objetivos é, pois, uma instituição viva a serviço da comunidade!

Nesta última semana de outubro – Semana Nacional do Livro e da Biblioteca – resolvi elaborar este pequeno texto tentando retratar minhas experiências sobre esses conceitos em forma de aprendizagem! É que houve um tempo em que não havia livros nem bibliotecas ao nosso alcance. E eu, na minha sala de aula – em atividades com os meus alunos, ficava sonhando com uma biblioteca onde todos pudessem entrar... ver livros... pesquisar... ouvir histórias. Em um dado momento, resolvi procurar a Diretora da Escola e pedir: Maria Lúcia, se porventura um dia acontecer de sermos agraciados com uma biblioteca, você me convoca para nela trabalhar? A gente sabia que não tinha biblioteca pra chegar, muito menos do jeito que eu queria: uma biblioteca comunitária que pudesse contar com a participação de todos... contando histórias... declamando poesias... trabalhando a oralidade e obras de arte da Comunidade!

O tempo foi passando e certo dia, para minha surpresa... fui indicada para trabalhar em uma biblioteca que chegava em São Tiago no final de 1979, quando deveria fazer o Curso de Atualização, em Belo Horizonte. A Biblioteca seria inaugurada e começaria a funcionar no ano seguinte. Fizemos o Curso de Atualização eu, e mais duas professoras, as primeiras professoras auxiliares de biblioteca: Shirlei de Castro Gonçalves e Jandira Vivas Morais. Era a biblioteca dos meus sonhos, a Biblioteca Escolar Comunitária “Prof. Joaquim Pinto Lara”, supervisionada pela Diretoria de Bibliotecas de Belo Horizonte, pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, na gestão do Prefeito Municipal o Sr. Raul Wilson da Mata que, com empenho e dedicação, anexou à BEC a Biblioteca Municipal. Aos poucos, foi recebendo também livros da E.E.



“Afonso Pena Júnior”, sendo três bibliotecas em apenas uma.

Na Biblioteca Escolar Comunitária trabalhamos por longas datas, onde desenvolvemos atividades de Leitura, Hora do Conto, Encontro de Donas do Lar, Grupo de Amiguinhos da Biblioteca. Gosto de destacar que para uma das sessões da Hora do Conto, que realizávamos à noite... preparei a história do “Boneco de Chocolate”: fiz um bolo de chocolate e levei para servir aos alunos, ilustrando a história. E, no outro dia, muitas mães chegaram à biblioteca pedindo-me receita do bolo do qual as crianças tanto falavam: o bolo de chocolate.

E tantas são as recordações... lembranças prazerosas... momentos mágicos inesquecíveis... E muitas saudades! Saudade da repercussão daquela história do Boneco de Chocolate! Saudade de tantas histórias vividas... E de todos os que frequentavam a Biblioteca... E o prazer dos alunos pela leitura... pelos livros... pelas histórias! Sei que hoje não é diferente... muitas histórias se repetem... educadores trabalham incessantemente... e muitas são as bibliotecas espalhadas pela cidade...pela zona rural... pelo mundo!

E eu fico muito feliz por tudo isto... sabendo que os hábitos de leitura estão sendo reforçados cada vez mais. E o prazer de ler... de escrever...ouvir e contar histórias... e a grande motivação de todos os que se sensibilizam com as histórias e os fatos bonitos da vida.

Nilza Trindade de Morais Campos

CIVILIZAÇÕES EXTRATERRESTRES E A PRESENÇA DE ALENÍGENAS ENTRE NÓS

As evidências são muito fortes quanto à existência e até mesmo presença e infiltração, há milhares de anos, de alienígenas entre nós. É o que se pode deduzir dos relatos, fotografias, memorandos, indícios históricos e arqueológicos, gravuras, disponibilizados por pesquisadores. Avistamentos de objetos não identificados e com atuação inteligente, contactos e abduções de humanos são, ademais, algumas dessas evidências. O espaço sideral acha-se povoado por incontáveis raças, muitas delas sumamente inteligentes, outras ainda em estágio inferior ou intermediário, é o que afirmam estudiosos do fascinante assunto. Isso sem falarmos nos universos paralelos e transdimensionais seguramente existentes. Desde os tempos imemoriais, o homem pesquisa o universo em busca de respostas sobre o porquê da existência e da criação e o papel que a vida representa neste vasto e extraordinário cenário cósmico.

A Terra seria, desde tempos imemoriais, uma via expressa ou passagem hiperespacial por onde transitam naves estelares, havendo muitas controvérsias quanto aos diversos tipos físico-anatómicos de extraterrestres, provindos dos mais variados orbes. Segundo Paul Hellyer, ex-ministro da defesa do Canadá, há inúmeras civilizações extraterrestres no universo, algumas delas atuando, há tempos, na Terra, havendo comprovação por parte de governos. Outra importante autoridade mundial, o general Haim Eshed, que atuou durante 30 anos no programa espacial de Israel, autor do livro "Para além do horizonte: conversas com o professor Haim Eshed", os extraterrestres não só existem, mas mantêm contactos com autoridades de nosso planeta. São civilizações detentoras de elevado conhecimento científico-tecnológico capazes de realizar viagens interestelares, percorrendo vastas dimensões cósmicas. Milhares de livros, revistas, filmes, musicais, documentários, textos jornalísticos abordam ininterruptamente o tema, existindo inclusive uma ciência, a ufologia, que estuda e coleta informações sobre o assunto.⁽¹⁾

O universo, segundo astrofísicos, teria em torno de 14 bilhões de anos, ao passo que a Terra contaria cerca de 4,5 bilhões, ganhando nós, há 4 bilhões, as primeiras e rudimentares bactérias. O homo sapiens, por sua vez, tem apenas 300 000 anos de idade. "Não estamos sozinhos no universo" afirma o Dr. Avi Loeb, astrônomo israelense, catedrático da Universidade de Harvard. Há, segundo a astrônoma Lisa Kaltenegger, da Universidade Cornell de Nova York, em torno de 1715 sistemas vizinhos à Terra, posicionados de forma privilegiada para observações, "espíadas" e incursões por parte de extraterrestres. As civilizações cósmicas atuariam, pois, como semeadores de vida e assim como nós, passaram – e passam – por grandes transições evolutivas.

O universo prima pela pluralidade, quais os inúmeros instrumentos de uma orquestra ou seções de uma cidade que se subdivide em bairros, ruas, passíveis de habitabilidade. Todos os planetas habitados evoluem, galgando graus dimensionais superiores, não nos esquecendo, contudo, que a ascensão ou acesso é seletiva, por mérito. Por maiores a ingenuidade, a mitomania, a farsa, a boa fé, polêmicas de toda ordem, torna-se cada dia mais factível a possibilidade/inevitabilidade da comprovação de outras civilizações inteligentes no universo. "Mesmo as críticas mais severas não podem esgotar todos os testemunhos e relatos que existem sobre avistamentos de naves e os fenômenos dos contactistas", afirmou o respeitado teólogo Conrado Balducci. Há um fio lógico que perpassa a vida em todo o cosmos e assertivamente das civilizações inteligentes que o povoam.

A existência de outras civilizações no universo e as religiões de nosso planeta: a receptividade à existência de outras inteligências no universo é muito diversificada, dispar entre as religiões vigentes. No Cristianismo, alguns movimentos são receptivos à ideia de civilizações extraterrestres, a exemplo dos Adventistas do Sétimo Dia, sendo que uma de suas fundadoras e notável pensadora, Ellen Gould White (1827-1915) teve visões sobre o sistema solar e planetas habitados. Os Mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) prevêem em um de seus cânones, "Pêrola de Grande Valor", a existência de outros planetas habitados. Em 1891, o Papa Leão XIII determinou a construção de observatório espacial para estudar "objetos voadores inexplicáveis". Ainda no âmbito católico, avulta-se a extraordinária figura de Giordano Bruno, que viria a ser queimado pela Inquisição (1600) com seus conceitos arrojados, dentre tantos sobre outras civilizações planetárias. A líder religiosa norte americana Ruth Norman ("Arcanjo Uriel", como é também conhecida) afirma manter contactos com "irmãos espaciais" (inteligências alienígenas altamente evoluídas – que, em algum momento, se manifestarão em nosso planeta ou seja quando estivermos aptos a entender a mensagem de paz e unidade universal). Alguns exegetas vêm em certas passagens do Apóstolo S. Paulo menções a outras dimensões: "Ajoelho-me diante do Pai, do qual recebi o nome, toda família nos céus e na terra" (Ef 3:14-15) "Tornamo-nos um espetáculo para o mundo, tanto diante dos anjos como de homens" (I Co 4:9).

Religiões orientais como o budismo e o bramanismo⁽²⁾ têm, dentre suas milenares tradições, o conceito dos "incontáveis reinos celestes" com populações mais ou menos espiritualizadas que os seres humanos. O filósofo e teólogo islâmico Ibn Arabi (1165-1240) acolhe em seus escritos a existência de dimensões paralelas (multiuniverso), transcendentais às noções de tempo e espaço. O Xintoísmo, tradicional religião japonesa, reza que os seus ensinamentos foram trazidos por deuses kamis, representados em milhares de estatuetas e com as mais estranhas feições.

Uma das religiões mais abrangentes sobre o tema é o Espiritismo. Segundo Allan Kardec, há, no universo, diferentes categorias de mundos habitados, sejam mundos superiores e venturosos, sejam muitos deles locais ainda de expiações e provas. "Muito diferentes são as condições dos mundos quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Entre eles há os que são inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros são da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão porque aí vive o homem a braços com tantas misérias" ("O Livro dos Espíritos", Rio de Janeiro, FEB, 57ª ed. p. 66). "Deserto inimaginável estende-se além das estrelas. Lá em condições diferentes das do vosso planeta, novos mundos revelam-se e desdobram-se em formas de vida que as vossas concepções não podem imaginar nem vossos estudos comprovar" (Allan Kardec - "A Gênese").

Os planetas e mundos habitados obedecem à inderrogável lei universal da evolução e do progresso, seja material, moral, espiritual. O Senhor espalha continuamente Suas sementes de vida pelo cosmos, expandindo Sua Graça, Amor e Poder, orientando Seus filhos, nos convertendo, nos edificando. Tudo evolui em todos os reinos, sejam humanos, animais, vegetais. "Nada na natureza permanece estacionário" (S. Agostinho). A vida inteligente, pois, não se restringe à Terra ou aos homens que nela habitam, que, sendo hoje um planeta de dores, tornar-se-á, um dia, um mundo regenerado e ditoso. Deus, em Sua majestade e misericórdia, a tudo rege, governa, vela por Seus filhos espalhados por toda a abóbada celeste. A comunidade universal deita raízes de eternidade por toda parte, ultrapassando toda sorte de fronteiras geográficas, étnicas, culturais, cósmicas, porquanto somos todos agentes do Reino, "concidadãos dos santos e membros da família de Deus" (Ef 2,19-20)⁽³⁾.

Muitos povos da antiguidade e ainda grupos indígenas de nosso tempo aceita(va)m plenamente a existência de extraterrestres cognominados "povos das estrelas" e assim tidos como ancestrais da humanidade. Pensadores como Kant, Swedenborg e ainda espiritas, teosofistas, rosacruceiros, bah'aístas e dezenas de outros grupamentos esotéricos admitem, em seus ensinamentos, a existência de formas de vida avançada em outros planetas.

Há religiões ufológicas como o Raelismo. Vale do Amanhecer, inúmeras religiões indígenas. Para estudiosos e adeptos do Espiritismo, há um clássico sobre a origem e evolução da civilização terrestre: a obra "Exilados de Capela", de Edgard Armond, que trata do expurgo, há cerca de 65.000 anos, de entes do sistema estelar Capela, na Constelação de Cocheiro, para o planeta Terra, aqui dando origem a vários povos e civilizações. Obra com mais de 300.000 livros vendidos, além de filme, vídeos. Armond, que era conceituado oficial militar, é autor ainda de "As margens do rio sagrado" (SP, Ed. Aliança, 1979) onde faz referências à vida no planeta Saturno, segundo ele de dimensões eterizadas (menos densas que a da Terra).

Equação de Drake - A técnica mais conhecida para calcular a probabilidade de existência de civilizações extraterrestres é a denominada Equação de Drake,⁽⁴⁾ idealizada pelo astrônomo Francis Drake em 1961. Astrofísicos da Universidade de Nottingham, no Reino Unido, dentre eles o Dr. Christopher Conselice, partindo do pressuposto de que a vida inteligente se forma em outros planetas de forma semelhante à ocorrida na Terra, estimam que na Via Láctea há uma estimativa/perspectiva da existência, de no mínimo, 36 civilizações inteligentes com capacidade de comunicação ativa conosco, número que pode atingir, a partir de variáveis ou cenários, a 175 civilizações.

"Deve haver pelo menos algumas dúzias de civilizações ativas em nossa galáxia, sob a suposição de que leva 5 bilhões de anos para que a vida inteligente se forme em outros planetas, assim como se formou na Terra. A ideia é olhar para a evolução, mas em uma escala cósmica. Nós chamamos este cálculo de "Limite Copernicano Astrobiológico", esclarece o dr. Conselice.

Prossegue Dr. Conselice: "O resultado não é apenas filosofia; ele tem implicações para o nosso destino. Se descobrirmos que a vida inteligente é comum, isso revelaria que nossa civilização poderia existir por muito mais do que algumas centenas de anos; por outro lado se descobrirmos que não existem civilizações ativas em nossa galáxia, é um péssimo sinal para nossa existência a longo prazo. A procura por vida extraterrestre inteligente nos conduz à descoberta de nosso próprio futuro e destino".

Outro pesquisador Dr. Tom Westby explica: "O método clássico para

estimar o número de civilizações inteligentes se baseia em fazer conjecturas sobre valores relacionados à vida, sendo que as opiniões sobre estas questões variam substancialmente. Nosso novo estudo simplifica estas suposições usando novos dados, dando-nos uma estimativa sólida do número de civilizações na nossa galáxia. Os dois limites astrobilógicos copernicanos são que a vida inteligente se forma em menos de 5 bilhões de anos ou após cerca de 5 bilhões de anos, de modo semelhante à Terra, onde uma civilização comunicante somente se formou após 4,5 bilhões de anos. Nos critérios fortes, segundo os quais é necessário um conteúdo metálico igual ao do sol, rico em metais, nós calculamos que deve haver cerca de 36 civilizações ativas em nossa galáxia⁽⁶⁾.

Cálculos indicam que a Via Láctea tem 100 milhões de planetas habitáveis, isso nos padrões atuais, pois há indicações de que ela possa ser 50% maior do que se calcula. A distância média entre essas civilizações é de 17.000 anos-luz, o que é um dificultador, no momento, para prospecções e eventuais comprovações.

NOTAS

(1) Em nossa região, temos vários estudiosos sobre o assunto, merecendo destaque o sr. Antonio Pedro Silva Faleiro, em *Passa Tempo*, de renome internacional, autor de inúmeras obras – e impressionantes relatos ufológicos ocorridos em nosso meio. Ufólogos e espiritualistas afirmam existir um portal interdimensional entre as cabeceiras/nascentes dos rios Jacaré – e Peixe (epicentro na serra da Galga), daí a grande incidência de fenômenos ufológicos em toda a região. Ver matérias em nosso boletim nº XLVII – agosto/2011

(2) Há ilustrações hinduístas em que Vishnu, antes da criação da Terra, aparece em companhia de Bagshmi, sentado sobre um lótus – e este sobre a serpente de mil cabeças – em meio a um oceano de leite (ver o livro “Mythologies de la Méditerranée au Gange” de P. Grimal). Um lótus surge do ventre de Vishnu em direção a Brahma, o Criador, o qual com suas quatro bocas, recita os quatro Vedas, cujo texto Ele sustenta em suas quatro mãos. Quatro braços formam uma cruz, que, por sua vez, se encerra num círculo. O mar de leite, ligado à serpente sagrada Vasuki e às celestes Apsaras, aparece igualmente na epopeia do “Ramayana”, atribuída a Valmiki.

O único oceano de leite que o homem vê é a Via Láctea. Vishnu, viajando em um veículo (lótus, flor, ovo, capsula, disco) na Via Láctea equivale a dizer que o Senhor está passeando pelo cosmos em uma nave.

(3) Deus é fonte de toda a vida (Sl 36:9), “Só Tu és o Senhor. Fizeste os céus, os mais altos céus e tudo quanto neles há, a terra e tudo o que nela existe, os mares e tudo o que neles existe. Tu deste vida a todos os seres e os exércitos celestiais Te adoram” (Neemias 9:6).

Tudo no universo é fulgurante propriedade divina; tudo se acha sob gestão e governo de Deus, que comanda as rédeas por mais indomado o cavalo, que dirige o timão por maiores e mais revoltos os ventos sobre a barca. Sua Onipotência envolve todo o firmamento, todo o conjunto de astros e seres numa sinfonia harmoniosa de amor, poder, misericórdia cósmicos. “Stella a stella differit in claritate” Cada estrela manifesta sua claridade (I Co 15,41) Dn 12,3. Tudo, pois, quanto existe no universo é criação de Deus (Hb 11:3) e toda criatura sofre as consequências evolutivas (Rm 8:19-21 / II Pd 3:10).

(4) Equação de Drake = $N = R^* f_{pneflifl} L (R^* \text{ é a taxa anual de produção de estrelas na nossa galáxia, a Via Láctea; } f_p \text{ é a fração de estrelas que tem planetas; } n_e \text{ é o número de planetas habitáveis por sistema planetário; } f_l \text{ é a fração de planetas efetivamente habitáveis ou seja desenvolvedores de vida; } f_i \text{ é a fração de planetas que desenvolvem vida inteligente; } f_c \text{ é a fração de planetas com vida inteligente que atingem o estágio tecnológico necessário para se comunicar por rádio com outras civilizações; } L \text{ é o tempo de vida médio de uma civilização capaz ou apta a se comunicar por ondas de rádio) Multiplicando-se todos os valores, chega-se ao número } N, \text{ que é o número de civilizações inteligentes, passíveis de serem contactadas na Via Láctea. O problema é determinar os valores (ex. projetar que uma civilização dure, em média, 10 000 anos) quando o próprio homem na Terra é uma ameaça à vida planetária, devido a armas nucleares, aquecimento global etc.$

(5) O círculo parece ser o símbolo das naves cósmicas desde a antiguidade. Os templos de qualquer religião parecem ser reproduções de naves que desceram à terra, desde tempos remotos, que os primitivos tomavam por “carros de Deus”. Lótus, ovo, abóbada, disco são representações prováveis, nas mais diversas culturas terrestres, desses aparelhos. Na mitologia grega, encontramos a nave Argos em busca do Velo de Ouro e ainda Cástor e Pollux nascidos de ovos celestes... Segundo Fulcanelli, os frimasons da Idade Média, construtores das catedrais góticas (que vêm de “argos”, “argonautas”) eram construtores iniciados, que conheciam o caminho que levava ao Jardim das Hespérides...

O Símbolo da Concha - Nos pilares da mesa da mansão Lallemand, em Bourges, França, há uma concha arrematada por um desconcertante par de asas. Em outros motivos decorativos da citada mansão pode-se ver uma concha grande de onde surgem outras conchas menores. Por que conchas-naves ou conchas-mãe (naves matriz) liberando naves menores de reconhecimento?

A concha, insígnia dos peregrinos de Compostela, é igualmente um símbolo cósmico. De acordo com Fulcanelli, levam consigo a concha todos que, misticamente, aprendem o labor e tratam de obter a estrela (campos – labor, trabalho, terra / stella – estrela, cosmos). Os peregrinos usam o cordão por guia e a concha por emblema, realizando o grande e perigoso caminho, do qual uma das metades é por via terrestre e a outra por via marítima. São antes peregrinos e depois pilotos... (Obras de Fulcanelli – “O mistério das

catedrais” / “As mansões filosofais”).

Curiosidade - Fulcanelli menciona uma igreja dos dominicanos instalada por volta de 1217, fundada à época de D. Luis IX, dedicada a Saint-Jacques le Majeur (São Tiago Maior), localizada à rua Saint-Jacques em Paris (Obra “O mistério das catedrais” p. 163).

A concha (vieira) e o coração são duas imagens sempre juntas e dispostas simetricamente. As conchas do gênero vieira (*Pecten jacoboeus*) sempre serviram de insígnia aos peregrinos de São Tiago. Estes traziam-na nos chapéus, à volta do pescoço, presa ao peito, sempre em evidência. A concha de Compostela designa, na simbólica secreta (alquímica) o princípio Mercúrio, também chamado de Viajante ou Peregrino. As conchas grandes eram utilizadas outrora como recipientes de água benta. O Mercúrio é a água benta dos filósofos. A concha, misticamente, simboliza os que empreendem o trabalho (campos) e buscam obter a estrela (stella). É o “icon peregrini” daí reproduzida por Jacques Coeur em sua mansão de Bourges.

Nicolas Flamel (1330-1418) em sua obra “Figuras Hieroglíficas” descreve a viagem parabólica que realizou a Compostela, a fim de pedir ao Senhor Tiago da Galiza, ajuda, luz e proteção. Assim, segundo Flamel, todo alquimista, todo peregrino se encontra na igual situação: Tudo fazer com o bordão por guia e a concha por insígnia, ao longo do perigoso percurso, do qual metade é terrestre, metade marítima.

ALGUMAS CIVILIZAÇÕES EXTRA-TERRESTRES MENCIONADAS POR ESTUDIOSOS

Segundo estudiosos e ufólogos, inúmeras civilizações atuam, há tempos, em nosso mundo, dentre elas os arcturianos, raça sideral muito antiga, muito evoluída científica e espiritualmente. Habitam Arcturus na constelação de Boeiu (ou Pastor) há 33 anos-luz de distância de nosso sistema solar. A eles, atribuem-se a confecção dos famosos círculos geométricos – agrolifos – encontrados em lavouras de todo o mundo. Tem anatomia próxima à humana, com cabeça avantajada, olhos grandes, boca pequena, corpo esbelto com contornos regulares, altura elevada, cor branco-azulada. São considerados “guardiães da Galáxia”, protegendo-nos contra invasões alienígenas e ajudando outras civilizações mais atrasadas, dentre elas a nossa, a se aprimorarem científica, intelectual, moral e espiritualmente. Somos vistos por eles como “irmãos caçulas” e por isso “encrenqueiros”, “briguentos”. Dominam técnicas de telepatia (comunicação pela mente), clarividência (interação com outras dimensões), telecinesia (movimentação de objetos, ainda que pesados). São muito sábios e evoluídos, não existindo guerras, fome, dinheiro ou sofrimento em seus domínios. Diz-se que algumas personalidades de nosso planeta são de origem ou influência arcturiana, dentre elas Leonardo da Vinci, Nikolas Tesla e ainda dois famosos médiums mundiais: Edgar Cayce e Chico Xavier (Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/arcturianos>. os aliens, acesso em 20/07/2017).

Ainda os Pleidianos (de semelhança humana, mencionados pelo ufologista George Adamsky). Sirianos (presentes na história terrestre há milênios, mencionados por povos do norte da África e da América pré-colombiana), Andromedanos, Alcionianos (que, segundo espiritualistas, estão tendo grande atuação, nos últimos tempos, entre nós, transmigrados aos milhares para a Terra, dado o processo de transição ora vivenciado por nosso planeta).

ALCIONE - a título de observação/registro, Alcione é/foi o pseudônimo utilizado por Jiddu Krishamurti (1895 – 1986), célebre filósofo, educador e orador indiano, em seu livro best-seller, “Aos pés do Mestre”. De infância pobre, educado em alto nível pela Sociedade Teosófica, Krishnamurti foi proclamado como grande avatar e condutor de nova era para a humanidade, missão da qual ele viria se abdicar. Trata-se, contudo, de um dos mais intrigantes pensadores de nosso tempo, cuja vasta obra abarca temas múltiplos, revolucionários e desafiantes, como psicologia transcendente, a natureza da mente e psiquê, meditação, relações humanas, liberdade, religião, conhecimento etc.

Na obra “Renúncia”, romance épico-espiritual (1947), autoria de Emmanuel, o tema central da narrativa é a abdicção de Alcione, um ente elevado, orindo da constelação de Sirius, que, por altruísmo, amor e abnegação, deixa seu sublimado mundo estelar em direção à Terra, com a missa de socorrer entes queridos de outras eras.

Há registros, ademais, por parte de estudiosos, de seres de traços insetoídes e reptilianos, estes de comportamento agressivo e amoral.

ALGUMAS OBRAS DE INTERESSE:

“Os abduzidos” Robson Pinheiro

“OVNI e as civilizações extraterrestres” Guy Tarade, Ed. Hemus

“Em busca dos Extraterrestres” – Andréas Faber kaiser, Ed. Três

ALGUNS FATOS INTRIGANTES EM NOSSA REGIÃO

- Um OVNI chegou a ser fotografado no dia 01/06/1969 à noite em Lavras pelo médico Dr. Rêmulu Toruni Furtini, tendo o estranho objeto sobrevoado os céus da cidade e pousado em um pasto, nas proximidades do Tiro de Guerra, onde é hoje o bairro Centenário – fato presenciado por inúmeros atradores e militares e tema de noticiário pela imprensa da época.

- O ufólogo Antonio Pedro Silva Faleiro relata em seus livros inúmeros casos de onvis em nossa região, em especial ns localidade de Ouro Fino.

Origens e algumas fontes inéditas de ANTÔNIA TEODORA DE SÃO JOSÉ (1798-1880)

Vinícius Mata

Somente quem lida diariamente com genealogia, e gosta, e abraça de paixão o estudo sistemático de nossos antepassados, e suas histórias e vivências, sabe o sabor irresistível que é descobrir uma nova geração, novos nomes, novas possibilidades de pesquisas e o leque imenso que se abre para a exploração de um novo ramo que desponta.

É trabalho árduo que exige estudos, confrontação de dados, perspicácia e olhar acurado para as fontes, um verdadeiro trabalho de detetive, e principalmente, muita paciência..., mas muita paciência. Se pode passar meses em buscas completamente infrutíferas e não avançar em um ponto sequer, por isso genealogia é labuta fastidiosa, árdua, mas de forma alguma penosa, áspera. É laboração para a vida toda, e que jamais se esgota, e que sempre trará uma satisfação muito especial, em cada progresso.

Camilo Castelo Branco, apregoado e profícuo escritor português, de língua afiada e humor refinadíssimo, bem conhecia essa afetação por genealogia, e deixou isso muito patente em sua obra "Cavar em Ruínas". Nela, fazendo alusão ao médico e escritor Manoel Gomes de Lima Bezerra, e sua obra "Estrangeiros do Lima", cita aí uma passagem muito curiosa desse autor, quando fala dos estudiosos de genealogia:

"Não posso sofrer que haja no mundo homens tão desgraçados que se martyrisem com o estudo da árida e fastidiosa genealogia."

E como que falando ao seu interlocutor, o próprio Camilo o redargua, num delicioso comentário que é impossível não se identificar:

"De mim, lavado nas lágrimas do martyrio, digo que sou um d'aquelles desgraçados! Ao principio, lia manuscriptos genealógicos para adormecer; depois, entrei-me do goso de saber das vidas alheias; finalmente paguei cara a curiosidade, convertida em paixão viciosa; e agora, sou chegado ao periodo de martyr. Ando a pedir a toda gente, que teve avós, o favor de me deixarem saber a vida d'eiles, se a escreveram. O peor é que dos nossos avós raro foi o que escreveu de si, por que, tirante os nossos avós frades, nenhum sabia escrever; e por cada um que perpetuava sua memoria, graças ao milagre da escripta, outros morriam estúpidos e inteiros aos milhares, contra o non omnis moriar, do lyrico romano.

Conheço muita gente que saiu d'este mundo ha oito séculos, ha seis, ha três, ha século e meio. Converso com ellas e com elles nas recamaras, na lareira, nas batalhas, nos mares, em toda parte, com os raros escapados do inferno, onde desceram pela escada traiçoeira que tinham apumado ao céu." (CASTELO BRANCO, 1866).

Quanto sono não nos tira esse mourejar constante atrás de nossas origens, quantos pensamentos altaneiros e férteis viagens imaginativas sobre os terríveis fins-de-linha que toda árvore genealógica pragueja e padece. E vou além de Camilo, hoje em qualquer estudo histórico que me dedico, não consigo ter o mesmo interesse, se não ao menos tenho o rumor de que ali passou minha gente, de que ali correu o sangue dos que me precederam. Mas tudo faz parte!

Antônia Teodora de São José era uma daquelas figuras enigmáticas, quase mítica, que povoava minha árvore, não só realçada por aquela foto esbatida, cuja compleição do rosto quase não se nota, vestes longas e cobrindo todo o corpo, até mesmo a cabeça, sentada próximo a uma mesa, todo um aspecto melancólico, distante, não só pelo passar dos séculos, mas também pelas poucas informações que tinha sobre ela, e era uma curiosidade grande saber quem eram seus pais e de onde vieram.

Pesquisas na região de Conceição de Ibitipoca, onde nasceu e viveu Antônia Teodora por vezes são difíceis, pela escassez de fontes, ou pela dificuldade em se ter acesso a elas, isso quando o inexplorável tempo já não pôs termo ao que é tão caro ao investigador. E



genealogia nem sempre se faz com fontes positivas, sendo preciso o intercruzamento de dados e boa dialética para se chegar a algo mais preciso.

Antes de tudo também, genealogia é compartilhamento, e dificilmente um bom pesquisador pode ficar alheio a pesquisas de outrem, quando mais se compartilha os mesmos ancestrais. Assim, que para resolver essa linha arrevesada, intrincada, primeiramente chegou até mim o inventário de Teresa Luísa de Jesus, irmã de Antônia Teodora, arquivado no Arquivo Municipal de Barbacena, gentilmente enviado pelo saudoso primo Francisco Rodrigues de Oliveira.

Teresa Luísa era tutelada de seu genro José Caetano Rodrigues, marido de Antônia Teodora, e por não ser casada, nem ter descendentes, foram seus herdeiros seus irmãos, que segundo o documento eram:

- 1- Felícia Teodora, casada com Manoel Pereira dos Santos;
- 2- Maria Anacleta, solteira;
- 3- Ana Esméria, casada com Joaquim Rodrigues Fernandes;
- 4- Antônia Teodora, casada com o inventariante;
- 5- Francisca Carolina, casada com José Alves Outeiro;
- 7- Constança Cândida de São Joaquim, viúva;
- 8- João Moreira, casado;

9- Manoel Moreira Rodrigues, falecido, foi representado por seus filhos. Aqui a importância de também se estudar ramos colaterais, e não apenas a linha direta. Dentre os irmãos, vemos o nome de Constança Cândida de São Joaquim, que era viúva de Jacinto Honório de Paula. Este fora inventariado em 1849, e foram tutores dos sobrinhos, filhos

dos mencionados Jacinto Honório e Constança Cândida, outros dois irmãos de Antônia Teodora, Manoel Moreira Rodrigues e João Moreira Rodrigues. Portanto, fica provado, sem margem para dúvidas de possíveis homônimos, que a Constança Cândida de São Joaquim, viúva de Jacinto Honório de Paula, era a Constança Cândida que aparece no inventário de Teresa Luísa de Jesus.

Com essa informação em mãos chegamos à segunda fonte: a dispensa matrimonial de Jacinto Honório de Paula e de Constança Cândida. Por haver parentesco entre Jacinto e Constança Cândida de São Joaquim, antes de casarem tiveram que pedir impedimento de consanguinidade, e segundo consta no dito documento:

"Os Oradores Jacinto Honório de Paula, e Constança Cândida de São Joaquim, naturais, batizados e moradores na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Ibitipoca, se acham juntos e contratados para se receber em matrimônio; porém o não podem efetuar, sem que intervenha a Piedade da Igreja, dispensando com eles no impedimento da consanguinidade, em 2º grau de linha transversal igual, porquanto são primos [coirmãos], cujas mães são legítimas irmãs. As causas que apresentam para impetrar a dispensa do referido impedimento, são, entre outras, as seguintes:

Os oradores se amam reciprocamente para o fim do Matrimônio; o qual decerto é vantajoso à Oradora que tem trinta anos de idade; é órfã de pai e mãe; e necessita d'amparo para si, e d'administração, para os bens, que herdou dos mencionados seu pais, no valor, sim, de quatro contos, seiscentos e vinte dous mil, oitocentos reis; mas quase toda esta quantia em escravos; e estes, avaliados, entre herdeiros, pelas estimativas de nascimento, e cor, sendo a porção de terras, que coube a cada um apenas dez ou doze alqueires; e não fazendo ela de renda líquida por falta d'administração cem mil réis – Deve, ainda com todo o mencionado dote, não tem a Oradora conseguido esposar-se, como deseja, com pessoa igual a si, sofrendo o desgosto de ver frustradas por duas vezes as mas esperanças e diligencias, uma das quais foi emprega com outro também seu parente (...).

(...) o orador é viúvo a quem ficou uma filha de idade a qual necessita, de quem a crie, e eduque, com Amor e Caridade. Ora, a Oradora já por ser sua Parenta, já por ser pessoa Religiosa e temente a Deus, deve desempenhar esta tarefa, melhor do que outra qualquer mulher estranha (...)"

Aqui nesse documento, fica explícito, portanto, que a mãe de Jacinto Honório, e a mãe de Constança Cândida - conseqüentemente também de Antônia Teodora - eram irmãs. Jacinto Honório, segundo bem documentado no site Projeto Compartilhar, era filho do Alferes Francisco de Paula Rodrigues e de Constança Claudina da Costa, e neto materno do Capitão João Rodrigues da Costa e de Felícia Maria da Fonseca, por conseguinte, por aí já fica comprovado quem eram os avós maternos de Antônia Teodora.

E por fim, alcançamos a fonte definitiva: o inventário de João Rodrigues da Costa e de Felícia Maria da Fonseca. Segundo o documento, Constança Claudina, mãe de Jacinto Honório, tinha apenas mais duas irmãs: Ignácia Felizarda da Costa, casada com João Gonçalves Pires, e Maria Jacinta da Costa casada com Manoel Moreira da Silva.

Pelo o exposto, e o fato de Antônia Teodora ter irmãos e filhos com sobrenome Moreira, ela não poderia ser filha de outro casal, senão de Manoel Moreira da Silva e de Maria Jacinta da Costa. Com isso, e o fato de uma fonte levando à outra, temos em conclusão o estabelecimento peremptório de sua filiação. Tem-se ainda que Antônia Teodora foi batizada em Conceição de Ibitipoca em 13 de junho de 1798, e se desconstrói qualquer fabulação que antes havia sobre suas origens.

Manoel Moreira da Silva, seu pai, era natural da Capela de Santo Antônio do Calambau, atual cidade de Presidente Bernardes, filial da Matriz de Guarapiranga, onde nasceu aos 08 de novembro de 1760, filho de outro Manoel Moreira da Silva, português de Gandra, no Porto; e de Teresa Ferreira de Jesus, de família pioneira na povoação do entorno de Guarapiranga.

Já Maria Jacinta da Costa, sua mãe, nascida em Conceição de Ibitipoca em 03 de abril de 1767, era, como se disse, filha do Capitão João Rodrigues da Costa, português de Marinhãs, em Braga, tio do padre inconfidente Manoel Rodrigues da Costa; e de Felícia Maria da Fonseca, natural de Prados.

Antônia Teodora de São José é matriarca de prole extensa, e dá origem a incontáveis descendentes. Ao final da vida foi moradora na fazenda da Oliveira, em São Domingos da Bocaina, distrito de Lima Duarte, onde faleceu vetustamente em 14 de novembro de 1880, aos 82 anos. Abaixo uma fonte inédita, seu inventário, arquivado no Fórum de Lima Duarte, onde nos dá mais alguns pormenores de sua vida.

Em sua memória, em reconhecimento e uma pávida homenagem deste seu descendente de 6ª geração!

ACERVO DO FÓRUM DE LIMA DUARTE

Caixa - 37

Ano - 1881

Inventariada - Antônia Teodora de São José

Inventariante - José Rodrigues de Oliveira

Transcrito e disponibilizado por Vinícius da Mata Oliveira

1881

Juízo de Órfãos da Cidade de Barbacena

Inventários dos bens que ficaram por falecimento de:

D. Antônia Teodora de São José - Inventariada

José Rodrigues de Oliveira - Inventariante

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e um aos doze dias do mês de Janeiro do dito ano nesta fazenda denominada Oliveira, distrito de São Domingos, Termo e Comarca de Barbacena em casas da finada Dona Antônia Teodora de São José (...) me foi dito que havendo falecido a dita Dona Antônia Teodora de São José deixando herdeiros órfãos que eu notificasse ao genro(sic) da mesma, José Rodrigues de Oliveira, a quem nomeara inventariante, para no termo de vinte e quatro horas prestar o respectivo juramento, fazer as declarações de estilo, e dar bens a inventário, sob as penas da lei; e que igualmente eu notificasse a João José de Paula para prestar juramento de curador ad hoc dos órfãos, e os representar no inventário (...)

Juramento ao Inventariante e Curador

Aos treze dias do mês de Janeiro de mil oitocentos e oitenta e um nesta fazenda denominada Oliveira, distrito de São Domingos, Termo e Comarca de Barbacena, em casas da finada Dona Antônia Teodora de São José, onde se achava o Doutor Manoel Dias d'Aquino e Castro Juiz de órfãos suplente em exercício, comigo escrivão de seu cargo, aí presentes José Rodrigues de Oliveira e João José de Paula pelo mesmo Juiz lhe foi deferido o juramento dos Santos Evangelhos (...)

DECLARAÇÕES DO INVENTARIANTE

No mesmo dia, mês, ano e lugar retro declarado, onde se achava presente o inventariante pelo mesmo foi dito ao referido Juiz que sua mãe faleceu, sem testamento, a quatorze de novembro último, deixando dez filhos, cujos nomes, idades e estados são os seguintes:

1º Carlos José Moreira, casado,

2º Ana Cândida, casada com Arcanjo Borges d'Abrantes,

3º Maria, casada com José Basílio de Paula,

4º Jerônimo Rodrigues de Oliveira, casado,

5º Inocência, casada com Manoel José de Paula,

6º Umbelina, casada com João Caetano Rodrigues,

7º José Rodrigues de Oliveira, casado,

8º Gabriela, casada com Pedro Carlos Gonçalves Franco,

9º Antônio Carlos de Oliveira, casado,

10º Francisco José Moreira, falecido, e deixou dez filhos, cujos nomes, idades e estados são os seguintes:

1º Manoel José Calixto, casado,

2º José Bernardino Moreira, casado,

3º Eduardo Moreira Vargas, casado,

4º Antônio Gregório Moreira, solteiro, de idade de 21 anos,

5º Honório Moreira Rodrigues, solteiro de 20 anos,

6º Matilde, de idade de onze anos,

7º Ana, de dez anos,

8º Luísa, de nove anos,

9º Alípio, de oito anos

10º Herculano, de sete anos.

Procuração bastante que faz Dona Maria Bernardina de Campos por si e como tutora de seus filhos órfãos (...) que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e um, aos dez dias do mês de Janeiro nesta Freguesia de Santo Antônio da Olaria, Termo e Comarca do Rio Preto (...) Dona Maria Bernardina de Campos moradora na Freguesia da Ibitipoca (...) constituiu seu bastante procurador a Manoel Calixto com poderes gerais e especiais para assistir o inventário e partilha que vai-se proceder nos bens que ficaram por falecimento da finada sua sogra Dona Antônia Teodora de São José na fazenda Oliveira no Distrito de São Domingos da Bocaina (...).

Procuração bastante que faz Carlos José Moreira (...) que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e oitenta e um aos oito dias de Janeiro do dito ano, nesta Cidade de Barbacena (...) Carlos José Moreira, morador no Distrito desta Cidade (...) nomeava e constituía por seus bastantes Procuradores a seus irmãos Jerônimo Rodrigues de Oliveira e José Rodrigues de Oliveira aos quais concede poderes especiais para nomear e aprovarem louvados, assistirem aos termos do inventário e avaliação dos bens de sua finada mãe Dona Antônia Teodora de São José (...)

Traslado da Procuração bastante que fazem Antônio Carlos de Oliveira e sua mulher Dona Ignácia Cassiana da Cunha (...) que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta e um, aos sete dias do mês de Janeiro neste lugar denominado Rancho do Pouso Alegre pertencente a Antônio Carlos de Oliveira, neste Distrito da Freguesia de São Tiago, Termo da Cidade de Bom Sucesso, Província de Minas Gerais (...) compareceram como outorgantes Antônio Carlos de Oliveira e sua mulher Dona Ignácia Cassiana da Cunha moradores na Fazenda do Rio do Peixe do Distrito da Freguesia da Lage, do Termo da Cidade de São José del Rei (...) foi dito, que por este público instrumento nomeiam e constitui em bastante procurador o Cidadão Jerônimo Rodrigues de Oliveira morador na Freguesia do Rio do Peixe, com poderes especiais e ilimitados para representá-los no inventário e partilhas dos bens deixados por falecimento de sua mãe e sogra Dona Antônia Teodora de São José, na Fazenda denominada Oliveira, Distrito de São Domingos, do Termo de Barbacena (...)

Arcanjo Borges Abrantes, Capitão da Guarda Nacional na forma da Lei, e sua mulher Dona Ana Cândida de Carvalho Abrantes (...) constituímos nossos bastantes procuradores no Município da Cidade de Barbacena, desta Província aos Senhores Carlos José Moreira e José Rodrigues de Oliveira, aos quais concedemos todos os nossos poderes em Direito permitidos, para que em nosso nome, como se presente fôssemos, possam assistirem e assinarem a todos os termos do inventário e partilha dos bens que ficaram por falecimento de nossa sogra e mãe, Dona Antônia Teodora de São José (...) Cidade do Rio Preto, Província de Minas Gerais aos 7 de janeiro de 1881.

AVALIAÇÃO E DESCRIÇÃO DE BENS

Nove escravos

Raiz - Uma casa, moinho, monjolo e paiol, sita na fazenda da Oliveira, e que foi de Alexandre Alves, avaliado tudo na quantia de 300\$000

Assim mais as benfeitorias da fazenda da Oliveira, constando de casa de vivenda, paiol, moinho e senzalas avaliadas na quantia de 800\$00

Assim mais a terça parte de uma casa no Arraial de São Domingos em comum com seus filhos avaliado na quantia de 30\$000

Assim mais a terra a fazenda da Oliveira e seus anexos, constando de campos e culturas, e que dividem com João Caetano Rodrigues, João Martins Chaves, José Luís de Lima, José Joaquim dos Reis, José Rodrigues de Oliveira e outros, avaliada na quantia de 21:000\$000

Ativo - Declarou o inventariante que Elisiário Vicente Ferreira deve a quantia de 567\$630

Assim mais Pedro Carlos Gonçalves Franco deve a quantia de 327\$270

Assim mais ele inventariante de reposição no inventário paterno a quantia de 94\$000

Assim mais declarou que existe em dinheiro a quantia de 788\$000

Declaração dos Dotados.

Pelos Dotados foi dito ao Doutor Juiz que tinham em si o seguinte:

Carlos José Moreira a quantia de 600\$000

Arcanjo Borges d'Abrantes 300\$000

José Basílio de Paula 600\$000

Jerônimo Rodrigues de Oliveira 575\$000

José Rodrigues de Oliveira 600\$000

Manoel José de Paula 300\$000

João Caetano Rodrigues 600\$000

Pedro Carlos Gonçalves Franco 600\$000

Antônio Carlos de Oliveira 300\$000

Francisco José Moreira, representado por seus filhos 300\$000

PARTILHA.

Aos vinte e um dias do mês de Abril de mil oitocentos e oitenta e um nesta Cidade de Barbacena, Comarca de mesmo nome e Província de Minas Gerais em casas da Câmara, onde se achava o Doutor Manoel Dias d'Aquino e Castro, Juiz de órfãos do Termo, para onde eu escrivão de seu cargo vim, aí presentes os Partidores do juízo Francisco de Paula Vaz e José Roberto Francisco dos Reis se procedeu a partilha dos bens da finada Dona Antônia Teodora de São José pela forma seguinte: acharam eles Juiz e Partidores que os bens móveis importavam na quantia de 922\$700; que os semoventes, menos os escravos, importavam na quantia de 2:606\$000; que os escravos importavam na quantia de 7:000\$000; que os bens de raiz importavam na quantia de 22:000\$000; que as dívidas importavam na quantia de 1:776\$900; que os meios dotes importavam na quantia de 4:475\$000. Acharam que somadas estas parcelas importava o monte mor na quantia de 38:910\$600. Acharam que desta quantia se devia deduzir a de 768\$600 de custas, o que feito acharam ficar líquido partível a quantia de 38:142\$000. Acharam que dividida esta quantia em dez partes iguais, por serem dez os herdeiros, tocava a cada um de legítima a quantia de 3:814\$200. Acharam que dividida a legítima do herdeiro falecido Francisco José Moreira, por dez filhos que lhe ficaram, tocará a cada um a quantia de 381\$420.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

CASTELO BRANCO, Camilo. Cavar em Ruínas. 2ª edição. Lisboa. Livrarias de Campos Junior. 1866. p. 175-176.

BARBACENA. ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL PROFESSOR ALTAIR SAVASSI. Inventário de Teresa Luísa de Jesus (manuscrito).

MARIANA. ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCE DE MARIANA. Dispensa matrimonial de Jacinto Honório de Paula e Constança Cândida de São Joaquim (manuscrito) 95945, 38.9595, 1843.

PROJETO COMPARTILHAR. Inventário de Jacinto Honório de Paula. Disponível em: <<http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgAF/franciscaclaudinadepaula1842jacintohonorio-rodriguesdepaula.htm>>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

PROJETO COMPARTILHAR. Inventário de João Rodrigues da Costa e Felícia Maria da Fonseca. Disponível em: <<http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgGL/joaorodriguesdacosta1810feliciamariadafonseca.htm>>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

LIMA DUARTE. FÓRUM SENADOR ALFREDO CATÃO. Inventário de Antônia Teodora de São José (manuscrito) Cx. 37.

Sobre o Cel. Antonio Carlos de Oliveira ver matérias em nosso boletim nº XLIV – maio/2011 e XLIX – out./2011.

O Direito das Crianças - Ruth Rocha

Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.
Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.
Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos tem de respeitar.
Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.
Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...
Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.
Descer do escorregador,
Fazer bolha de sabão,
Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.

Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola, bola, bola!
Lamber fundo da panela
Ser tratada com afeição
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!
Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular.
Um passeio de canoa,
Pão lambuzado de mel,
Ficar um pouquinho à toa...
Contar estrelas no céu...
Ficar lendo revistinha,
Um amigo inteligente,
Pipa na ponta da linha,
Um bom dum cachorro quente.
Festejar o aniversário,
Com bala, bolo e balão!
Brincar com muitos amigos,
Dar pulos no colchão.
Livros com muita figura,
Fazer viagem de trem,
Um pouquinho de aventura...
Alguém para querer bem...

Festinha de São João,
Com fogueira e com bombinha,
Pé-de-moleque e rojão,
Com quadrilha e bandeirinha.
Andar debaixo da chuva,
Ouvir música e dançar.
Ver carreira de saúva,
Sentir o cheiro do mar.
Pisar descalça no barro,
Comer frutas no pomar,
Ver casa de João-de-Barro,
Noite de muito luar.
Ter tempo pra fazer nada,
Ter quem penteie os cabelos,
Ficar um tempo calada...
Falar pelos cotovelos.
E quando a noite chegar,
Um bom banho, bem quentinha,
Sensação de bem-estar...
De preferência um celinho.
Uma caminha macia,
Uma canção de ninar,
Uma história bem bonita,
Então, dormir e sonhar...
Embora eu não seja rei,
Decreto, neste país,
Que toda, toda criança
Tem direito a ser feliz!!!

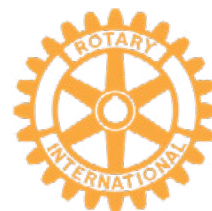


A Redação do Boletim Sabores & Saberes deseja a todos os leitores um abençoado Natal e um 2023 cheio de alegrias e realizações.

Na oportunidade agradece a todos os colaboradores do Boletim.

A Redação do Boletim Sabores & Saberes parabeniza o Rotary Club de São Tiago pelos 40 anos de fundação.

Rotary
Distrito 4560



Serra de São José, em Tiradentes, tem trilhas, cachoeiras, libélulas e histórias

Um ou dois dias de imersão na natureza podem tornar a viagem ao destino mais completa e agradável

Por Paulo Campos

FOTO: EDY FERNANDES/DIVULGAÇÃO



Mirante na Serra de São José: vista panorâmica de toda a região

Muito além do patrimônio histórico e da gastronomia, o ecoturismo é uma das apostas do governo local. O crescente interesse pelo ecoturismo, pelo turismo rural e pelo cicloturismo não passa despercebido neste momento pós-pandemia. A serra de São José, que pode ser avistada de qualquer ponto da cidade, oferece opções de ecoturismo, de trilhas a cachoeiras, de mirantes à prática do birdwatching, mas boa parte dos turistas não descobriu suas potencialidades.

A serra São José tem 12 km de extensão e abrange outros quatro municípios – além de Tiradentes, São João del-Rei, Prados, Santa Cruz de Minas e Coronel Xavier Chaves. A Casa das Águas, pertencente ao município de Prados, onde funciona o Centro de Visitantes da Área de Proteção Ambiental (APA) São José, é o ponto de partida para aprender um pouco sobre a história do maciço rochoso. Uma exposição geológica permanente exhibe minerais, como basalto e quartzito, que provam que a região já foi, há bilhões de anos, fundo de mar.

A Casa das Águas, no bairro de Águas Santas, foi utilizada no passado por tropeiros para pouso e descanso. Quem recebe os visitantes é a monitora ambiental Mariana Rodrigues, que conhece a região como a palma da mão. Ela explica que a serra tem duas unidades de conservação, ambas administradas pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF): além da APA São José, o Refúgio Estadual de Vida Silvestre Libélulas concentra 55,5% das libélulas encontradas em Minas. A presença do inseto é um indicador da qualidade de ar.

Os trilheiros vão se animar com as trilhas existentes: para alcançar a cachoeira do Mangue, há dois caminhos. Se estiver em Tiradentes, o acesso é no final da rua Frei Veloso, no bairro do Pacu. Mariana é quem nos

conduz por uma caminhada íngreme de 2,6 km, ida e volta, subindo a serra até a queda d'água e passando pelo local onde se concentram as libélulas. A cachoeira tem ótimos poços para



banhos. Um detalhe: essa cachoeira é mais perto para quem faz a trilha do Mangue (2,4 km ida e volta), saindo do bairro Águas Santas, em Prados.

A trilha mais famosa é a do Carteiro, que tem início no bairro Cascalho, em Tiradentes. O trajeto inicial é de terra, mas logo surge o calçamento de pedra, daí o nome “Calçada dos Escravos”, feito por escravizados no século XVIII para facilitar o transporte de ouro. A trilha íngreme leva até um mirante no topo da serra, com parada na cachoeira do Carteiro. A caminhada dura, em média, uma hora e meia na ida, atravessando trechos de Mata Atlântica.

A trilha recebeu esse nome por causa dos informantes da Inconfidência

Mineira que levavam correspondência para o outro lado da serra, driblando o controle da Coroa Portuguesa. No caminho há uma cruz no local onde estaria enterrado o carteiro, provavelmente morto em uma emboscada por soldados. A visão panorâmica de cima da serra é deslumbrante, com vista da cidade de Tiradentes, do bairro de Águas Santas, em Prados, e das montanhas.

Para quem está de carro, a estrada velha de Tiradentes leva à cachoeira de Bom Despacho, a mais visitada pelos turistas por causa da facilidade de acesso. Há, ainda, aventureiros que encaram a jornada de “cortar” toda a serra. A travessia de 8 km de Tiradentes a Águas Santas pode ser feita em caminhada de seis horas ou de carro pela estrada Parque Passo dos Fundadores, com paradas para apreciar as vistas e tomar água em uma bica. Agências oferecem o passeio ao custo de R\$ 300. Não há necessidade de guias para as trilhas.



HISTÓRIAS QUE AINDA NÃO CONTEI

Resumem-se em: Meu Pé de Manacá, o Rio São Francisco e Guimarães Rosa.

MEU PÉ DE MANACÁ guarda histórias da minha vida, da minha família, minha escola, minha rua, meus amigos, meus colegas, meus professores, meus alunos... as pessoas que eu amo.

Tudo começou com um lindo pé de manacá que encontrei na minha casa que meu pai comprara para morarmos e estudarmos na cidade. Era um pátio muito grande na casa para meu pai soltar o cavalo ao chegar na cidade pois mesmo sendo vindo para cá ele continuava sua luta na roça. Era um lindo pé de Manacá!

Em outros tempos, ainda na infância... morávamos na roça e meu pai resolveu comprar uma casa aqui na cidade para que pudéssemos mudar para cá e estudar. Ele vinha aqui... olhava uma casa e outra, quando estavam à venda... voltava pra casa e avisava à minha mãe: olhei uma casa à rua tal... tem água e luz e um pequeno quintal. Tem outra casa boa, mas não tem quintal. E isto foi acontecendo até que encontrou uma casa com tudo isto: água... luz e um enorme quintal. Eram vários lotes juntos... reunidos em um só e, além da casa, o pomar com todas as frutas que se veem hoje no mercado. Frutas lindas... deliciosas e encantadoras em copa das árvores que enfeitavam o quintal... proporcionavam fartura e alegravam a natureza!

A casa era linda... duas salas e duas entradas; uma das salas tinha as paredes bordadas com lindas pinturas azuis ostentando e dando vida ao branco da parede. Além disso, à chegada um lindo alpendre e ao lado um pátio para receber quem chegasse a cavalo. E nesse pátio – para enfeitar e alegrar erguia-se um magnífico e imponente Pé de Manacá. Isto não me sai da lembrança e da saudade... Casei-me... mudei... e a lembrança do alpendre e do Manacá sempre presente – como tudo que lá deixei! Mas o Pé de Manacá... ah! Este eu tinha que recuperar!

E aí pelejava... conseguia alguma muda e não pegava! Até que um dia eu consegui. Meu Pé de Manacá brotou... estava grandinho quando decidi que precisava me mudar dali. E me mudei de novo!

Mais uma vez... ficou para trás o Meu Pé de Manacá! Ó Céus! Que ingratidão! Novamente em nova morada... mas não poderia deixar de plantar o Meu Pé de Manacá!

Eis, porém que certo dia, caminhando pela Rua Basílio Magalhães... passei por um lote vago e vi ali - do lado de dentro da cerca - uma porção de mudas de Manacá. Não hesitei. E, sem escrúpulo nem receio de ser vista por alguém, arranquei duas mudas – caso a primeira não



quisesse brotar, tinha outra – quando duas senhoras chegaram à janela da casa ao lado. Eram pessoas muito conhecidas... duas irmãs por sinal: a Eugênia e a Nazaré.

E eu, desembaraçadamente, disse a elas: “Estou roubando aqui uma muda de Manacá porque dizem que “muda roubada é que floresce”. Elas riram muito... conversamos... falei-lhes da minha aflição pelo Pé de Manacá e me despedi... sem agradecer – numa incontida satisfação... trazendo as duas mudas. Chegando em casa contei ao Joaquim que logo me disse: “Aquele lote é delas!” Quase morri mas não me arrependi. E a muda virou o lindo e definitivo:

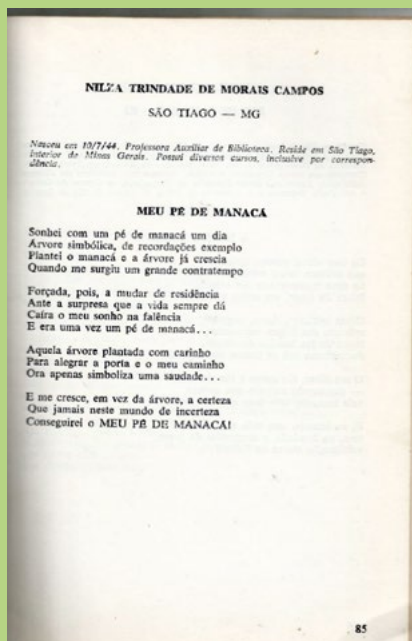
“Meu Pé de Manacá”. Obrigada a vos. Eugênia e Nazaré! Agradeço-lhes imensamente pelo Meu Pé de Manacá! Mas antes disto, ao mudar-me e ter que deixar novamente o tão desejado arbusto, ainda em fase de crescimento... fiz esta poesia Meu Pé de Manacá, que marcou toda minha trajetória literária, tendo sido contemplada em posição de destaque com menção honrosa no IV Concurso “Raimundo Correa de Poesia”, recebendo como prêmio a publicação do poema Meu Pé de Manacá no livro Poetas Brasileiros de Hoje 1985 cujo lançamento se deu no mesmo ano em uma festiva e majestosa Noite de Autógrafos no Rio de Janeiro.

E aí: Finalmente... Graças a Deus! Consegui de vez o Meu Pé de Manacá, maravilhoso por sinal! E, ao aproximar a Primavera, quando florescerem majestosamente os Ipês, floresce também o garboso e exuberante Meu Pé de Manacá!

O RIO SÃO FRANCISCO guarda a memória me faz lembrar os mananciais... as maravilhas da natureza e a interação do homem com o planeta em que habitamos.

GUIMARÃES ROSA é o meu ídolo na literatura... regionalista, linguagem recriada, rica e artística do mundo literário... apaixonado pelo sertão mineiro e exemplo do amor à natureza que eu tanto admiro e pela qual sempre agradeço a Deus. Considero-o patrono da nossa literatura nacional.

Nilza Trindade de Moraes Campos



Traumas da infância podem impactar a saúde do adulto; saiba como

THÁISE RAMOS

"O que acontece na infância não fica na infância, impacta nossa saúde emocional, mental e física ao longo da vida", explica a especialista em Neurociência Comportamental Infantil Telma Abrahão

Pessoas que tiveram experiências adversas na infância têm o maior risco de desenvolver doenças como depressão, diabetes, obesidade e muitas outras? A resposta é sim. De acordo com Telma Abrahão, especialista em Neurociência Comportamental Infantil e autora do livro Pais que evoluem, não são apenas nossos genes que determinam a nossa saúde, mas principalmente a qualidade do ambiente e das nossas relações, especialmente no início da vida.

Por meio de um estudo de saúde pública feito por Dr. Felitti e Dr. Anda, em 1998, que mostra como as experiências adversas vividas na infância impactavam a saúde do adulto, chamado de ACE, sigla em inglês para adversidades vividas na infância, Telma veio se aprofundando no assunto. O estudo mostra também que quanto maior a quantidade de experiências adversas na infância, maior o risco do indivíduo cometer suicídio ou desenvolver problemas de saúde mental e física na vida adulta.

"O que acontece na infância não fica na infância, impacta nossa saúde emocional, mental e física ao longo da vida. Educar pode ser desafiador, mas com conhecimento podemos nos reeducar para melhor educar e deixar pessoas mais saudáveis e felizes nesse mundo", explica a especialista.

No dia 10 de agosto, Telma se prepara para lançar seu novo livro, Educar é um ato de amor, mas também é ciência, onde aborda a importância de educar as crianças de forma neuroconsciente, uma abordagem educacional baseada em neurociências, que respeita a nossa humanidade e que se faz necessária para educar seres humanos que transformarão seu grande potencial biológico em saúde, competência pessoal, social, emocional, força e prosperidade.

"A mudança que queremos ver no mundo precisa começar em casa, na família, onde a base da vida humana é formada. E nessa obra, você vai descobrir que educar é um ato de amor, mas também é ciência!".

As experiências vividas na infância, especialmente nos primeiros anos, é a base que molda a vida do ser humano. O cérebro se desenvolve rapidamente e a exposição frequente a situações altamente estressantes pode resultar em impactos negativos no longo prazo, afetando a vida e a saúde física, mental e emocional das crianças e, conseqüentemente, do adulto.

Quando uma criança experimenta uma infância com muito estresse, pouco afeto ou apoio emocional, existe um risco muito maior de que enfrente problemas de autoestima, desenvolva doenças crônicas, como câncer e doenças cardíacas no futuro, entre em relacionamentos abusivos, além de um maior risco para desenvolver doenças mentais como depressão e transtorno de ansiedade.

"Experiências traumáticas durante esse estágio da vida podem ser prevenidas.



Estudo de saúde pública feito em 1998 mostra como as experiências adversas vividas na infância impactam a saúde do adulto.

Relacionamentos saudáveis entre pais e filhos são capazes de servir como um amortecedor protetor e ajudar crianças e adolescentes a desenvolverem resiliência, alcançando o sucesso na vida através de um ambiente e relacionamento estável, empático, seguro e responsivo", afirma Telma.

Por mais de um mês, Uma Advogada Extraordinária foi a série em língua não inglesa mais assistida na plataforma de streaming, seguindo os passos de outro fenômeno sul-coreano, Round 6.

A série com 16 episódios segue a jornada de uma advogada novata cujo autismo a ajuda a encontrar soluções brilhantes para quebra-cabeças legais, mas ao mesmo tempo a deixa em situações de isolamento social.

A série gerou um debate sobre o autismo, já que a letrada, extremamente inteligente, também apresenta sinais visíveis do transtorno, como a ecolalia, que é a repetição precisa de palavras ou frases do outro, muitas vezes fora de contexto.

A atriz principal, Park Eun-bin, de 29 anos, hesitou em aceitar o papel, ciente da influência que a série poderia ter na percepção dos autistas.

"Senti que tinha uma responsabilidade moral como atriz", disse ela à AFP. "Eu sabia que [a série] inevitavelmente teria uma influência sobre pessoas autistas e suas famílias", apontou.

FOTO: DIVULGAÇÃO

'INVISÍVEL'

Algumas dessas famílias classificaram a série como "fantasia" e consideraram sua personagem principal nada crível.

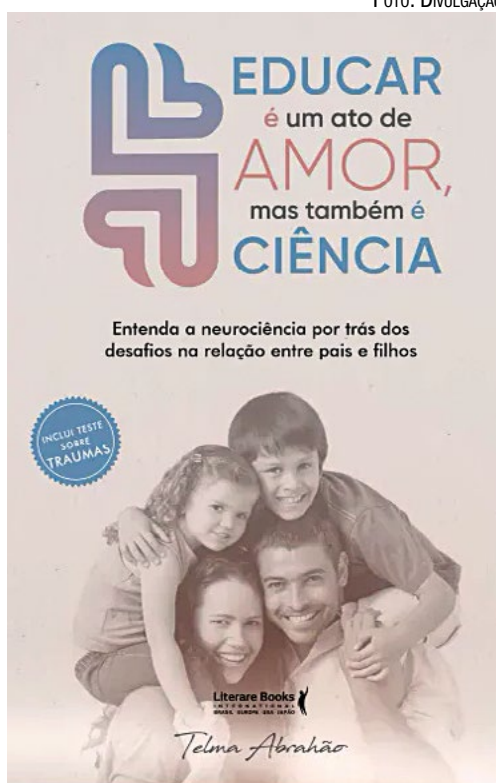
Lee Dong-ju, mãe de um menino autista, explicou a um veículo local que para muitas pessoas com transtornos do espectro autista, alcançar o sucesso como Woo seria como "uma criança ganhar uma medalha olímpica no ciclismo sem nem ter aprendido a andar".

Embora Me Woo seja, sem dúvida, "um personagem fictício criado para o máximo efeito dramático", sua história é, na verdade, mais real do que muitos sul-coreanos acreditam, observa o professor de psiquiatria Kim Eui-jung, do hospital Mokdong da Universidade Ewha Womans.

Cerca de um terço das pessoas com transtorno do espectro autista têm inteligência média ou acima da média, acrescenta. Além disso, podem não ter características visíveis de autismo ou até mesmo não saber que as têm.

Foi o que aconteceu com Lee Da-bin, cujo diagnóstico só veio depois que abandonou a escola e foi a um psiquiatra por depressão.

"As pessoas não reconhecem formas leves de autismo", explica. "Tenho a impressão de ter ficado invisível", acrescenta.



100 anos do falecimento de Lima Barreto

Redação O Melhor



Com obras marcadas pela crítica social, o escritor pré-modernista é um dos preferidos das bancas de vestibulares ao redor do país.

Em 2022 completam-se 100 anos do falecimento do autor Lima Barreto. O escritor morreu jovem aos 41 anos, vítima de um colapso



cardíaco, sem conseguir ver sua obra sendo reconhecida em vida, tendo seu pedido para ingressar na Academia Brasileira de Letras recusado por 3 vezes por conta do racismo.

Neto de uma escrava liberta, Barreto se preocupou em denunciar em sua arte os problemas sociais e a discriminação comuns à época, em formato de folhetins, contos, crônicas e romances. Um dos autores mais importantes da literatura brasileira e um dos precursores do movimento pré-modernista.

Confira algumas de suas obras que podem ser cobradas nas provas de vestibular por todo o Brasil.

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

A obra foi publicada primeiramente em formato de folhetim em 1911 e foi transformada em romance em 1915. O livro acabou se tornando a publicação mais marcante do movimento pré-modernista, consagrando Barreto na história da literatura brasileira.

A publicação é marcada por uma linguagem mais simples e direta, uma ruptura em relação ao parnasianismo do século XIX. Dividido em três partes, possui como cenário a Primeira República do Brasil e denuncia os problemas sociais da época, como a pobreza e desigualdade social.

O protagonista desta história é Policarpo Quaresma, um funcionário público comum que possui ideais nacionalistas. Um patriota radical, o personagem tem a personalidade ingênua e, por conta disso, acaba sendo ridicularizado e enfrenta diversos problemas, levando a uma desilusão ao final.



CLARA DOS ANJOS

É o último livro escrito por Lima Barreto, no ano de sua morte em 1922, mas foi publicado postumamente, em 1948. O romance é uma denúncia ao racismo da época e a como as mulheres costumavam ser tratadas.

A protagonista da obra é Clara dos Anjos, uma garota negra de 18 anos e de origem humilde. Ela conhece Cassi, um homem branco mais velho que costuma seduzir e se aproveitar de mulheres mais novas que ele, principalmente as mais pobres. Ele vê em Clara a vítima perfeita e faz de tudo para conquistá-la, engravida a moça e depois a abandona. Após os acontecimentos, Clara finalmente percebe sua condição, à margem da sociedade.

O CEMITÉRIO DOS VIVOS

Alguns anos antes de seu falecimento, Lima Barreto foi internado em um hospital psiquiátrico para tratar o alcoolismo. Enquanto esteve institucionalizado, o autor escreveu O Cemitério dos Vivos com base em sua experiência pessoal no local.

A obra não chegou a ser finalizada por ele e foi publicada postumamente com base em suas anotações, que fazem uma crítica bastante relevante a como as pessoas com problemas de saúde mental eram tratadas na sociedade e nessas instituições.

Apesar de utilizar um personagem fictício, a publicação faz referência à própria vida do autor. O protagonista é Vicente Mascarenhas, um homem alcoólatra, vítima de diversas tragédias em sua vida pessoal, que acaba sendo internado em uma instituição psiquiátrica.



SANTOS E (SEUS) ANIMAIS PROTETORES

Inúmeros são os relatos sobre animais, cujas ações e atributos especiais requerem registro e admiração. Há casos de animais que salvam vidas, denotando habilidades excepcionais e surpreendentes. Relatos com golfinhos que salvam náuticos ou nadadores em perigo; cães – animais reconhecidos por sua fidelidade - que não só salvam, mas conduzem e guiam pessoas perdidas ou sob risco de algum sinistro.

Muitas pessoas são, pois, testemunhas de atos heroicos de animais de estimação ou mesmo estranhos e desconhecidos à pessoa ou à casa. Alertam para a entrada de alguém na residência, ajudam pessoas perdidas a encontrar o caminho de destino, defendem-nas de ataques de malfeitores ou animais ferozes, acompanham-nas por ruas perigosas. Todos somos, em suma, cientes de alguma situação dessas seja no nosso dia-a-dia ou pelos noticiários da imprensa.

Somos, por conseguinte, assistidos ao longo de nossas vidas por anjos do Senhor, mui especialmente pelo anjo da guarda. “Cada fiel tem, a seu lado, um anjo protetor e pastor para o guiar na vida” (São Basílio Magno). Eis a ajuda poderosa, misteriosa, inabalável a quem devemos recorrer, honrar, rogar intercessão desses nossos iluminados benfeitores junto ao Pai.

Belíssima e poderosíssima oração ao Anjo da Guarda: “Ó espírito angélico, a cujos providos cuidados entregou-nos Deus, Nosso Senhor, rogo-vos que sempre queirais guardar-me, proteger-me, assistir-me e defender-me de todo assalto do maligno, quer eu esteja acordado. quer dormindo.

Sim, assisti-me noite e dia, a toda hora e a todo momento! Permanecei sempre a meu lado, onde quer que eu me ache. Afastai para longe de mim todas as tentações de satanás.

Peço-vos também que não permitais que a minha alma, quando se desprender do corpo, seja aterrorizada pelos espíritos malignos ou venha a ser objeto de escárnio para eles ou deles seja presa desesperada.

Não, não me abandones jamais, até que me tenhais conduzido ao céu, para usufruir da vista do meu Criador e ser eternamente feliz em companhia de todos os santos. Seja-me dado atingir essa felicidade, por meio de vossa assistência e pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim seja!” (Santo Anselmo, arcebispo de Cantuária).

Vejamos casos específicos ocorridos com santos (hagiologia católica) envolvendo a ação protetora de animais, principalmente de cães.

São Roque - Natural de Montpellier, França, Roque (1295 - 1378) ficou órfão de pai e mãe ainda jovem e resolveu distribuir todos os seus bens aos pobres, partindo em seguida para Roma. No caminho, encontrou muitas pessoas necessitadas, aos quais passou a

se dedicar, operando as primeiras curas milagrosas.

No entanto, na viagem de volta, foi contagiado pela peste e isolou-se na floresta para morrer; inexplicavelmente, ali nasceu uma mina de água cristalina, com a qual matava sua sede — mas teria morrido de fome se um cachorro não o tivesse encontrado e trazido diariamente um pedaço de pão. O dono do animal, curioso com a atitude dele, o seguiu certa vez, encontrou Roque e o levou para sua casa.

O rapaz curou-se e voltou para sua cidade natal, onde foi confundido com um espião e passou 5 anos numa prisão até morrer. Somente depois descobriram tratar-se do filho de um ex-governador, ao perceberem que em seu peito havia o sinal da cruz, feito por seu pai quando Roque ainda era uma criança.

Seu primeiro milagre após a morte foi seu carcereiro, que era manco de nascença e ficou totalmente curado ao tocar com o pé em Roque, para ver se o mesmo estava dormindo ou morto. Sua canonização foi rápida, pois durante o Concílio de Constance uma peste ameaçava a cidade e os representantes viram a praga desaparecer por completo após clamar pela ajuda de Roque.

Uma versão mais acurada é apresentada no livro *The Pawprints of History* (“Pegadas Caninas na História”), de Stanley Coren, professor de psicologia e autor do célebre livro *A Inteligência dos Cães*. Segundo pesquisa histórica, Roque (que nasceu com uma marca em formato de cruz em seu peito) realmente pertencia a uma família rica e, após a morte de seus pais, doou toda herança recebida aos pobres. No entanto, o cachorro da história era do próprio Roque e o acompanhava para todo o lugar. Quando Roque adoeceu ele estava perto de Placência e achou melhor não seguir para a cidade, procurando assim um lugar para se abrigar na floresta — uma pequena cabana que ficava à disposição dos viajantes que por acaso ali passassem. Água não era problema, pois Roque aproveitava a da chuva, armazenada em barris; em relação à comida, aí sim ele contou com a ajuda de seu fiel amigo canino: o cachorro saiu à procura de alimento e acabou no castelo de um aristocrata chamado Gothard, onde a mesa era sempre farta. Sem cerimônia, o animal se aproximou da mesa, pegou um pedaço de pão e saiu trotando pela porta, sem experimentar nem um bocadinho do alimento. O “roubo” se repetiu por alguns dias, até que o nobre, curioso, resolveu seguir o cãozinho e acabou encontrando Roque, já muito debilitado, mas vivo.

Padroeiro: deficientes físicos, cirurgiões, contra doenças de pele e protetor dos cães

Dia: 16 de agosto

Oração

São Roque, vos dedicastes de corpo e alma ao cuidado dos doentes, e Deus, para provar vossa fé e confiança, permitiu que contraísseis a doença.

Mas esse mesmo Deus, por meio de um cão, vos alimentou de modo milagroso e também milagrosamente vos curou.

Protegei-me contra as doenças infecciosas, livrai-me do contágio dos bacilos, defendei-me da poluição do ar, da água e dos alimentos.

Enquanto eu estiver saudável, vos prometo rezar pelos doentes e fazer o possível para aliviar suas dores e sofrimentos.

São Roque, abençoai os médicos, fortalecei os enfermeiros e atendentes dos hospitais, curai os doentes, defendei os que têm saúde contra o contágio e a poluição.

São Lázaro - O Lázaro que vemos nos “santinhos” é um homem pobre, cercado de cães. Ele é venerado por muitos, que lhe pedem ajuda contra as doenças de pele. Existe até um costume no norte do Brasil (Ceará, Piauí, Maranhão) chamado A Mesa de Lázaro — quando alguém alcança a graça pedida, deve pagar a promessa desta maneira: preparar um banquete e oferecê-lo à... cachorros. Toalha fina posta no chão e comida boa servida em pratos servem para homenagear São Lázaro através do agrado aos animais.





porém, chegou tarde — Lázaro já estava morto. Ele então ordena: "Lázaro, vem para fora!" E Lázaro veio — depois de quatro dias morto, foi ressuscitado. (João, capítulo 11, versículos 1-44).

A confusão parece ter origem na passagem de Lucas, capítulo 16, versículos 19-21, onde Jesus conta uma parábola sobre um mendigo de nome Lázaro que se alimenta das migalhas caídas da mesa de um homem rico; cães se aproximam e lambem suas feridas. Os dois morrem; o mendigo vai para junto de Abraão, carregado por anjos; o rico, para o inferno. Este vê o mendigo e implora a Abraão que deixe que Lázaro lhe dê um pouco de água, mas Abraão diz que isto não é possível. O rico então pede que seus irmãos (vivos) sejam avisados sobre o inferno para assim mudarem seu comportamento, mas outra vez Abraão diz que não, eles têm lá Moisés e os profetas, se não ouvem a eles, não ouvirão nem que ressuscite algum dos mortos.

Padroeiro: contra as doenças de pele
Dia: 17 de dezembro

Santa Margarida de Cortona (1247-1297) - Margarida nasceu em Laviano, Itália. Aos 17 anos, por não se dar bem com sua madrasta, foge de casa para viver com um jovem de família abastada. Os dois tem um filho, mas nunca se casam. Certo dia o amante de Margarida não retorna para casa; no dia seguinte, a cadelinha dele aparece sozinha, dando mostras de que gostaria que Margarida a seguisse. A cachorrinha acaba levando-a até uma floresta, onde se encontra o corpo de seu dono, assassinado a punhaladas. Chocada com o acontecido e entristecida com a vida fútil que levava, Margarida volta, junto com o filho, para a casa de seu pai — mas lá não pode ficar porque a madrasta não os aceita. Ela então pede refúgio aos Frades de Cortona, da Igreja de São Francisco.

Após três anos, Margarida se junta à Ordem Franciscana Secular. A partir de 1277, torna-se uma voz ativa em Cortona, em favor dos pobres da cidade, conseguindo a construção de um hospital; e para dar segurança às enfermeiras da instituição, funda uma Congregação (Poverelle). No fim de seus dias, Margarida muda-se para as ruínas da Igreja de São Basílio; lá ela está enterrada — após sua morte, a igreja foi reconstruída e rebatizada em sua homenagem. Margarida foi canonizada em 1728 pelo Papa Benedito XIII; sua imagem geralmente é retratada junto com um cãozinho.

Santa Margarida e um cachorro tem uma história relacionada com Dom Luís Orione:

Em 1925, Dom Orione é chamado urgentemente a Cortona pela velha benfeitora Servetti. Tendo chegado de noite, se perde. Não querendo pedir informações naquela hora, para evitar eventuais juízos indelicados, virando-se em direção ao Santuário de Santa Margarida, a Penitente, protetora da cidade, e geralmente rfigurada com um cão, a invoca assim: — Oh, se tu quiseses mandar-me ajuda!... — improvisamente, aparece um cãozinho pardo, o qual o pega pela batina, o acompanha a casa da velhinha e depois, recebida a benção de Dom Orione e feitas três incinacões, desaparece. (O Beato Dom Luis Orione, texto de P. Venturelli, ilustrações de Ida

No entanto, parece que o Santo reconhecido pela Igreja Católica é outro, é o Lázaro que foi ressuscitado por Cristo. Segundo a Bíblia, Lázaro adoeceu gravemente e suas irmãs Marta e Maria enviaram um mensageiro ao lugar onde se encontrava Jesus com a seguinte mensagem: "Aquele a quem Você ama está doente". Jesus,



Marcora e E. Longo, 1980).

Padroeira: dos injustiçados, dos mendigos, dos sem-teto, dos insanos, dos órfãos, dos deficientes mentais, das parteiras, dos penitentes, das mães solteiras, das prostitutas arrependidas.

São João Bosco - Dom Bosco (1815-1888), padre italiano, fundador da Pia Sociedade São Francisco de Sales, foi canonizado em 1934 pelo Papa Pio XI. Durante um período de sua vida (de 1854 até 1864), este sacerdote católico foi protegido por um grande cachorro de nome Grigio; o próprio Dom Bosco escreveu sobre este anjo da guarda canino. Contou ele que, durante uma noite, estava voltando para casa quando um enorme cão apareceu e começou a segui-lo — e não demorou muito para que Grigio mostrasse a que veio.

Como o sacerdote contrariava algumas pessoas de sua comunidade com a mania em querer ajudar os mais necessitados — principalmente as crianças, futura mão-de-obra barata "estragada" pela oportunidade de receber alguma educação (foi Bosco quem desenvolveu a educação infantil e juvenil e o ensino profissional) — ele vivia em constante perigo de sofrer atentados contra sua vida. Pois quando Dom Bosco foi emboscado numa rua escura, foi Grigio que o salvou da morte certa, pondo para correr os bandidos safados. A partir daquela noite quase fatídica, o cachorro sempre aparecia do nada e acompanhava Dom Bosco como se fosse seu anjo da guarda.

A última vez que Grigio foi visto foi quando Dom Bosco viajou até Moncucco, para visitar um amigo. No meio da caminhada, a noite sobreveio e, sozinho, ele desejou que Grigio estivesse ali com ele; e logo Grigio apareceu para acompanhá-lo em segurança até seu destino. Dom Bosco e o amigo puseram a conversa em dia e, após o jantar, o sacerdote lembrou de levar para Grigio alguma coisa para ele comer — mas o cão havia desaparecido, para nunca mais voltar. Fonte: Info Lobo - Grigio-Dois Relato

ESPAÇO DOS SANTOS

Grigio, o cachorro que era o "anjo da guarda" de Dom Bosco

São muitas as pessoas que podem testemunhar um ato heroico de seu animal de estimação. Eles advertem sobre um futuro acidente, alertam para a entrada de alguém em casa, previnem algum tipo de violência doméstica e até ajudam pessoas perdidas a encontrar o caminho de casa, por exemplo.

Até Dom Bosco tinha seu animal de estimação misterioso, que aparecia e desaparecia da vida dele, defendendo-o de ataques e acompanhando-o pelas ruas perigosas.

O próprio Dom Bosco conta — em suas Memórias do Oratório — como o cachorro, batizado de Grigio (cinza, em italiano), entrou na vida dele:

× "Uma noite escura eu voltava para casa sozinho, não sem um pouco de pavor, quando vejo ao meu lado um cão alto que à primeira vista me causou medo; mas, fazendo facéiticas como se eu fosse o seu dono, logo ficamos bons amigos e acompanhou-me até o oratório. Isto aconteceu muitas outras vezes. Posso dizer que o Grigio me prestou importantes serviços. Vou expor o que é pura verdade. Em fins

de novembro de 1854, numa noite chuvosa e coberta de neblina, eu vinha sozinho da cidade. A certa altura percebo que dois homens caminhavam a pouca distância, na minha frente. Apertavam ou reduziam o passo, conforme eu acelerasse ou diminuísse o meu andar. Tentei voltar atrás, mas era muito tarde: com dois saltos, em silêncio, lançaram-me um manto na cabeça. Procurei evitar que me enrolassem, queria gritar, mas não consegui. Naquele momento apareceu o Grigio. Uivando, lançou-se com as patas sobre o rosto de um e logo ferrou os dentes em outro.(...) O Grigio continuava uivando feito um lobo enraivecido. Foram-se embora bem depressinha e o Grigio, permanecendo ao meu lado, acompanhou-me até em casa."

Segundo testemunhos, o cão defendeu Dom Bosco dos ataques de malfiteiros por três vezes. Ele aparecia misteriosamente do nada e indicava o caminho correto quando Dom Bosco estava perdido.

Maria Paola Daud - Aleteia



NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Rua do Horto, 356 - Horto Florestal - CEP 02377-000 - São Paulo - SP
 Tel.: (11) 3194-6000 ans@ansg.org.br - www.senhordasgracas.org.br
 NossaSenhordasGraçasSP senhora_gracas

Luiz Gonzaga

110 anos de nascimento

Músico brasileiro

Diva Frazão - Biblioteconomista e professora

BIOGRAFIA DE LUIZ GONZAGA

Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um músico brasileiro. Sanfoneiro, cantor e compositor, recebeu o título de "Rei do Baião". Foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos, levou o baião, o xote e o xaxado para todo o país. A música "Asa Branca" feita em parceria com Humberto Teixeira, gravada por Luiz Gonzaga no dia 3 de março de 1947, virou hino do Nordeste brasileiro.

Sua música "Acácia amarela" tornou-se hino maçônico.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Caiçara, em Exu, Sertão de Pernambuco, no dia 13 de dezembro de 1912. Era filho de Januário José dos Santos, o mestre Januário, "sanfoneiro de 8 baixos", e de Ana Batista de Jesus. O casal teve oito filhos.

Desde menino, Luiz Gonzaga já pegava na enxada, mas preferia ficar olhando o pai tocar sua sanfona. Logo aprendeu a tocar e animar as festinhas da região. Cresceu ajudando o pai na roça e na sanfona, mas também fazia pequenos serviços para os fazendeiros da região.

Luiz Gonzaga era protegido do Coronel Manuel Aires de Alencar e de suas filhas e com elas aprendeu a ler, escrever e falar correto. Aos 13 anos, com o dinheiro que juntou e o emprestado pelo coronel, Luiz comprou sua primeira sanfona. O primeiro dinheiro que ganhou foi tocando em um casamento, ali sentiu que a música era seu destino.

A FUGA DE CASA E O EXÉRCITO

Em 1929, com 17 anos, por causa de um namoro proibido pela família da moça e de uma surra que levou da mãe, Luiz fugiu para o mato. Mas a fuga maior foi quando deixou a casa para uma festa no Crato, no Ceará. Luiz Gonzaga vendeu sua sanfona e foi para Fortaleza, onde buscava no Exército uma vida melhor.

Com a Revolução de 30, viajou pelo país. Era o corneteiro da tropa. Em 1933, servindo em Minas Gerais, não entrou para a orquestra do quartel, pois não sabia a escala musical. Mandou fazer uma sanfona e decidiu ter aulas com Domingos Ambrósio, famoso sanfoneiro de Minas. Transferido para Ouro Fino, sul de Minas, tocou pela primeira vez em um clube.

LUIZ GONZAGA NO RIO DE JANEIRO

Em 1939, Luiz Gonzaga deixou o Exército, foram nove anos sem dar notícias à família. Enquanto esperava o navio para voltar para Pernambuco, Luiz ficou no Batalhão de Guardas do Rio de Janeiro, quando um soldado o aconselhou a ganhar dinheiro tocando na cidade.

Logo, Luiz estava tocando nos bares do Mangue, nas docas do porto e nas ruas, em busca de trocados. Acabou sendo convidado a tocar nos cabarês da Lapa. Nessa época, seu repertório era o exigido pelo público: tangos, fados, valsas, foxtrotos etc. Nesse ritmo fez sua primeira tentativa no rádio, em programa de calouros de Silvino Neto e Ari Barroso, mas sua nota não passava de 3.

Em 1940, um grupo de estudantes cearenses que estudavam no Rio, o aconselhou a tocar as músicas dos sanfoneiros do sertão nordestino. Ao participar de um programa de calouros do rádio, tocando "Vira e Mexe", Luiz ganhou nota 5 e o prêmio de primeiro lugar.

Certo dia, Luiz foi procurado por Januário França para acompanhar Genésio Arruda numa gravação. Luiz se saiu tão bem que foi convidado pelo diretor artístico da RCA, Ernesto Moraes, para gravar um disco.

No dia 14 de março de 1941, Luiz gravou dois discos como solista de sanfona. No primeiro: a mazurca "Véspera de São João e Numa Seresta". No segundo: "Saudade de São João del Rei" e "Vira e Mexe, um chamego de sua autoria".

Durante cinco anos, Luiz Gonzaga gravou cerca de setenta músicas, das quais apenas 10 eram "chamegos". Fez carreira no rádio e começou a luta para cantar e gravar as músicas nordestinas.

Fez parceria com Miguel Lima, que colocava letras em suas músicas, mas só em 11 de abril de 1945 gravou seu primeiro disco como sanfoneiro e cantor com a música "Dança Mariquinha".

Luiz foi em busca de um parceiro nordestino e conheceu o advogado cearense Humberto Teixeira, era o início de uma parceria que durou cinco anos.

Luiz Gonzaga lançou músicas com versos simples, impregnado de modismos nordestinos. Sua música agora, era acompanhada de sanfona, triângulo e zabumba. Entre os sucessos da parceria, destacam-se: Baião, Asa Branca,

Kalu, Paraíba, Assum Preto etc.

ASA BRANCA

A música "Asa Branca" foi um dos primeiros grandes sucessos nacionais de Luiz Gonzaga. O disco original foi lançado pela RCA, no dia 3 de março de 1947. Segundo Luiz Gonzaga, a música nasceu como toada, com raízes folclóricas.

Com letra de Humberto Teixeira e música de Luiz Gonzaga, Asa Branca retrata o sofrimento do povo do Sertão do Nordeste brasileiro diante da seca que assola a região. Asa Branca foi gravada por diversos cantores, entre eles, Dominginhos, Sérgio Reis e Baden Pável.

A VOLTA PARA SUA TERRA

NATAL

Depois de longos anos, Luiz Gonzaga voltou para sua terra natal. Foi para o Recife e se apresentou em vários programas de rádio. Em 1949 levou sua família para morar no Rio de Janeiro.

Nesse mesmo ano, voltou ao Recife, quando conhece o médico Zé Dantas, que sabia cantarolar todas as suas músicas. Foi o início de uma parceria que lançou os sucessos: Vem Morena, A Dança da Moda, Cintura Fina, A Volta da Asa Branca.

Entre 1948 e 1954, Luiz Gonzaga morou em São Paulo, de onde viajava para todo o país. O seu sucesso não parou mais. Em 1980, Luiz Gonzaga cantou para o Papa João Paulo II, em Fortaleza.

Convidado pela cantora amazonense Nazaré Pereira, se apresentou em Paris. Recebeu o prêmio Nipper de ouro e dois discos de ouro com "Sanfoneiro Macho".

FAMÍLIA

Luiz Gonzaga teve um relacionamento com a cantora e dançarina Odaléia Guedes dos Santos. Em 1945, desse relacionamento, nasceu Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, que ficou órfão de mãe com dois anos de idade.



Luiz Gonzaga em desfile maçônico



Luiz Gonzaga e Gonzaguinha

Em 1948, Luiz Gonzaga casou-se com a pernambucana Helena Neves Cavalcanti e juntos, criaram Gonzaguinha e adotaram a menina Rosa Gonzaga.

MORTE

Luiz Gonzaga lutou durante seis anos contra um câncer de próstata. No dia 21 de junho de 1989, foi internado no Recife, Pernambuco, no Hospital Santa Joana, já bastante debilitado. No dia 2 de agosto de 1989 faleceu vítima de uma parada cardíaca.

Em 2012, quando se comemorou 100 anos do nascimento de Luiz Gonzaga, foi lançado o filme "De Pai Para Filho", narrando a relação conflituosa entre Gonzaga e Gonzaguinha. O artista recebeu várias homenagens em todo o país.

Sucessos de Luiz Gonzaga:

- Asa Branca;
- Luar do Sertão
- Súplica Cearense
- A Feira de Caruaru
- No Meu pé de Serra
- A Triste Partida
- Assum Preto
- Olha Pró Céu
- Balance Eu
- Paraíba
- Pau de Arara
- Cintura Fina
- Danado de Bom
- Riacho do Navio
- Xote das Meninas
- No Ceará Não Tem Disso Não
- Numa Sala de Reboco
- Respeita Januário
- Pagode Russo
- Último Pau de Arara
- O Fole Roncou
- Zé Matuto
- Dezessete e Setecentos
- Dança Mariquinha
- Baião de Dois
- ABC do Sertão



Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

A IMPOSIÇÃO DO CHAPÉU DE SÃO TIAGO

A palavra chapéu deriva do latim antigo “cappa/capucho” que significa peça para cobrir a cabeça. Os registros mais antigos sobre a existência deste item e de seu uso datam-se de 4.000 a.C referindo ao Antigo Egito, Grécia e Babilônia, quando o uso de faixas na cabeça tinham a finalidade de prender ou proteger os cabelos.

Conforme a sagrada escritura, a prática de tirar o chapéu como reverência e respeito, comum em todo mundo ocidental, remonta aos gregos, com influência de São Paulo (Coríntios 1, 11, 4-7): “Todo o homem que faz oração ou que profetiza com a cabeça coberta, desonra a sua cabeça, o seu coração”.

Uma das primeiras representações pictóricas de um chapéu aparece em uma pintura do túmulo de Tebas, no Egito, datado de 3200 a.C. O chapéu era usado por egípcios de classe alta, que raspavam seus cabelos antes do uso deste.

Em nossa cidade de São Tiago, nosso Padroeiro usa chapéu de abas largas representado numa bela imagem.

Segundo o novo testamento, Tiago era filho de Zebedeu e Salomé, e seus atributos eram: concha, cajado, cabaça, capa (traje típico de peregrino) e chapéu de abas largas.

Sua festa no Brasil foi trazida pelas famílias de colonizadores portugueses, em decorrência dos conflitos político-religiosos entre portugueses (cristãos) e muçulmanos (mouras).

Em nossa cidade, é comemorado no dia 25 de julho e um dos pontos altos da festa, dentre outros é a “imposição do chapéu”. No dia principal o chapéu é retirado da imagem. Defronte ao altar-mor o sacerdote ou membros de pastorais se dispõem a ir colocando



nas cabeças das pessoas, que formam imensa fila com propósitos diversos. As pessoas trazem desejos de todas as ordens: agradecimentos, pedidos, cura de dor de cabeça, visão, câncer, prevenção de demências, tumores, pedido de bênçãos para realizar cirurgias ou obter a cura de enfermidades, etc. É um momento único, solene onde naquele colocar o chapéu se sente tocado pela fé.

Na fila, pessoas diversas como: visitantes, caminhheiros, pedintes, autoridades, trabalhadores rurais, adultos, jovens, crianças, idosos, pessoas com necessidades especiais. De vários credos, cores etc. Deparei-me com uma senhora que disse ter mudado de religião, mas não abandonou o ritual do agradecimento a São Tiago pelas graças recebidas.

Este acontecimento está estendendo em outras datas em nossa comunidade, com agradecimentos do povo são-tiaguense ao pároco e a paróquia.

Imposição do Chapéu: momento ímpar, sem palavras adequadas para defini-lo. Total expressão de nossa fé cristã. Esperamos que perdure por muito tempo, com São Tiago Maior nos abençoando junto a sua união a Cristo Nosso Senhor, através da imposição de seu chapéu em nossas cabeças.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

COMENTÁRIO/ESCLARECIMENTO

“Causos”, estórias aqui relatadas, mui especialmente, na secção “Ao pé da fogueira” podem ser já de hipotético conhecimento público ou não; podem ainda que similares em algum detalhe não ter nenhuma relação local ou pessoal.

Sendo mera imaginação conectá-los com alguém – ou alguma situação – de nosso meio. Pura ilação!

Frequentadores de rodas de bate papo surpreendem-se com semelhança entre “causos” ali contados. Ocorridos em qualquer localidade de nossa região ou outras partes do Estado e do País – sejam assuntos rurais, bancários, fiscais, comerciais etc.

Qualquer semelhança é portanto, mera coincidência!

DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA EM PORTUGAL E NO BRASIL

“A devoção a Maria é fonte de vida cristã profunda, é fonte de compromisso com Deus. Permaneci na escola de Maria e como outrora em Caná da Galiléia, ela encaminha ao filho as dificuldades dos homens” (S. João Paulo II, Santuário de Nossa Senhora Aparecida/SP).

A devoção a Nossa Senhora no Brasil tem profundas raízes ibéricas medievais, cujo culto acha-se oficializado desde a fundação do reinado de Portugal no século XII, mais precisamente em 1.139 por D. Afonso Henriques. Em 1646, o rei D. João IV consagraria Portugal a Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, culto que se estenderia obrigatoriamente a todas as colônias e possessões portuguesas ao redor do mundo, dentre elas o Brasil. Trata-se de forte manifestação à Virgem, com ampla adesão popular, desde tempos medievos, em especial no âmbito da dinastia de Borgonha, seja relacionada às cruzadas, seja vinculada a milagres alcançados após invocação (a Virgem Santíssima) ou oriunda de imagens antigas, dos tempos visigodos ou árabes, encontradas por pastores, passando a receber profunda veneração. Assim as devoções a Santa Maria dos Mártires em Lisboa, Silves e Castro Marim; Santa Maria do Castelo em Tavira; Santa Maria do Açor em Celorico da Beira; Santa Maria da Escada ou da purificação em Lisboa; Santa Maria do Milagre da Cera em Évora; Nossa Senhora de Nazaré; Santa Maria de Oliveira em Guimarães, Nossa Senhora da Paz em Toledo; Nossa Senhora dos Desamparados, padroeira de Valencia; Nossa Senhora da Soledade, muito difundida na Andaluzia etc.

Os primeiros exploradores, colonizadores e missionários trouxeram para a América portuguesa imagens e liturgias em honra à virgem, bem como a construção de capelas nas suas diversas invocações, caracterizando-se assim o catolicismo praticado no Brasil de forte devoção mariana. Segundo Clodovis Boff, a relação do devoto, entre nós, com seu orago, em particular a Virgem Maria, é de intensa carga emotiva, espontaneidade, senão de intimidade, algo muito característico da religiosidade popular. Muitos fiéis a ela se referem como ‘santinha’, ‘mãezinha’, ‘Minha Nossa Senhora’ (In “Mariologia social: o significado da virgem para a sociedade” Ed. Paulus, 2006, p. 554).

Segundo historiadores, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, chegou ao Brasil em uma das naus de Pedro Álvares Cabral, representando a Virgem Santíssima, de pé, sobre o globo terrestre, as mãos unidas em oração, os olhos fixados no céu, esmagando com os seus pés uma serpente, símbolo do pecado original. Foram os franciscanos os maiores propagadores da devoção à virgem, mormente durante as chamadas “MISSÕES”, culto que se espalharia de norte a sul do país. Seu lugar seria assumido/transmutado no século XVIII na devoção a Nossa Senhora Aparecida, da mais intensa religiosidade e espiritualidade cristã até os dias atuais⁽¹⁾. Segundo a historiadora Ângela Vianna Botelho, a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi venerada inicialmente em Minas na Ermida do Ribeirão do Carmo (“Dicionário histórico de Minas Gerais – período colonial” Ed. autêntica, p. 371)⁽²⁾.

Devotos sempre recorreram à virgem, orando fervorosamente, erguendo capelas em agradecimentos, em mais diversas situações, seja por questões pessoais, familiares ou coletivas, como ocorreram ao ensejo das invasões holandesas no Brasil e a renhida luta de nossos patriotas para expulsão dos batavos, em especial as vitórias nas batalhas de Tabocas (1645), dos montes Guararapes (1648/1649), local onde foi erguida a histórica e triunfal igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.

O culto a Nossa Senhora da Conceição, de ascendência portuguesa, estender-se-ia, pois, a todo o império português, extensivamente ao Brasil, tendo D. Pedro I proclamando-a “Padroeira do Império do Brasil”. Aos 16-07-1930, Nossa Senhora da Conceição Aparecida – cuja imagem fora encontrada miraculosamente por pescadores no rio Paraíba do Sul em 1717 – foi proclamada Padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI e seu culto público oficializado pela lei n. 6802 de 30-06-1980, declarando-se o dia 12 de outubro como feriado nacional em dedicação devocional à padroeira-mãe da nação.

Obviamente o culto a Nossa Senhora chegaria à região das minas e de uma forma muito especial, muito sentimental. “Outra importante devoção colonial mineira é, logicamente, dedicada a Maria, sob uma rica floração de títulos, dos quais vem, em primeiro lugar, o de Nossa Senhora da Conceição. Ao embarcarmos para o Brasil e enfim, para Minas, os imigrantes portugueses, juntamente, mais uma vez, com os filhos de São Francisco, trouxeram consigo, entranhada, uma profunda veneração à Imaculada Conceição de Maria, padroeira do reino e das ordens franciscanas. Na beleza, na pureza, na nobreza da Imaculada, os portugueses, desterrados da pátria distante sublimavam a saudade de casa, da mãe velhinha, da esposa ou noiva idealizada, do paraíso perdido e outra vez sonhado futuro. Não estaria aí explicada a origem sentimental e romântica, quase enamorada, de nossa piedade filial para com Maria a quem aprendemos a chamar, segundo as categorias cortesãs e cavaleirescas medievais, de Nossa Senhora?” (Antonio Gaio Sobrinho – “Retratos de uma cidade”, p. 10).

O culto a Nossa Senhora das Mercês, igualmente muito difundido entre nós, iniciou-se com as aparições de Maria ao militar francês Pedro de Nolasco (1189-1256), canonizado pelo papa Urbano VIII em 1628. O rei d. Jaime de Aragão (1208-1276) autorizou a fundação da ordem real e militar de Nossa Senhora das Mercês da redenção dos cativos, formada então por cavaleiros espanhóis, com o objetivo de libertar os prisioneiros cristãos escravizados pelos mouros durante a ocupação da Península Ibérica, espalhando-se a ordem pela Europa. Com a descoberta da América, os mercedários aceitaram o encargo de catequizar os selvagens americanos. No Brasil, os primeiros mercedários, vindos de Quito (Equador) sob o comando de Pedro Teixeira, estabeleceram-se em Belém do Pará (1639) ainda durante o domínio da Espanha. Permanecendo no Brasil após a restauração portuguesa (1640).

Já no século XVIII a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês estabelecia-se em Vila Rica (Ouro Preto) com objetivos de libertar os escravos que trabalhavam nas Minas. Para muitos negros, foi Nossa Senhora das Mercês quem inspirou a princesa Isabel a libertar os escravos – daí antigas festas no dia 17/08, na região das minas, em especial em Diamantina, com fogos de artifícios, luminárias, foguetes comemorativos à Virgem libertadora.

Segundo a conceituada pesquisadora Nilza Botelho Megale (“Cento e dez invocações da Virgem Maria no Brasil: história, iconografia, folclore” Ed. Vozes, 1986) o culto a Nossa Senhora do Pilar – originário da evangelização da Península Ibérica pelo apóstolo Tiago Maior – foi introduzido diretamente no Brasil, sem uma difusão intermediária em Portugal,

ao contrário das demais devoções.

NOTAS

(1) A devoção e culto a Maria, em nosso país, foram levados aos mais remotos rincões por bandeirantes, colonos, tropeiros, além das ordens religiosas, dentre elas Franciscanos, Jesuítas e Carmelitas, envolvidas na catequização. Segundo historiadores, as naus de Pedro Álvares Cabral traziam imagens de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Esperança. As devoções adquiriram especificidades, seja pelos colonos que as traziam consigo desde seus burgos de origem em Portugal ou ainda por títulos de proteção em situações especiais; Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora da Boa Morte, do Bom Sucesso, da Ajuda, dos Navegantes, das Cabeças etc.

(2) Um dos empecilhos às devoções populares era/foi a ação repressora do santo ofício, inibindo manifestações autênticas e genuínas de nossa religiosidade. Em seu regimento de 1640, título XX, determinava penas de açoites públicos e degredo ultramarino “aos que dão culto como santos que não foram canonizados ou beatificados e dos livros que tratam de seus milagres ou revelações e dos que os fingem” uma das vítimas foi o pe. Belchior de Pontes.

PEQUENA CRONOLOGIA – O CULTO A NOSSA SENHORA EM PORTUGAL E NO BRASIL

• 08-12-1147 – Solenes festividades litúrgicas, após a conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques, cidade que se achava em poder dos mouros há séculos. Após cinco meses de cerco, com apoio dos cruzados vindos da Inglaterra, Alemanha e Países Nórdicos.

O primeiro bispo de Lisboa foi o inglês D. Gilberto de Hastings, que atuou à frente da diocese entre 1147 e 1166, aí introduzindo o calendário litúrgico de Salisbury, incluindo a festa da Imaculada Conceição de Maria, aprovada desde 1129 pelos bispos ingleses reunidos em Londres.

• 1142 – D. Afonso Henriques, em seu compromisso de vassalagem a Santa Sé, declara Portugal como “terra de Santa Maria”, assumindo o compromisso de uma importância anual ao mosteiro de Santa Maria de Claraval (havendo forte relação pessoal entre D. Afonso Henriques e São Bernardo de Claraval (1090-1153), fundador da ordem dos cistercienses, mais tarde canonizado como São Bernardo) os cistercienses fundaram em 114º o 1º mosteiro em terras portuguesas.

D. Afonso Henriques ofereceu ainda Portugal a proteção de São Pedro e à igreja romana, adotando o título pessoal de “soldado do bem-aventurado Pedro”. Segundo a tradição, D. Afonso Henriques nascera aleijado, sendo curado por atuação de Nossa Senhora.

• 1385 – Com a vitória das forças portuguesas sobre Castela (batalha de Aljubarrota), o rei D. João I dedica todas as catedrais do reino a Nossa Senhora da Assunção. As festividades em honra a Nossa Senhora da Assunção em 15/08 passaram a ser realizadas com grandiosidade em todo o reino e ainda em 1386, D. João I determina a construção do mosteiro de Nossa Senhora da Vitória (Mosteiro da Batalha).

• 1503 – Construção em Porto seguro (BA) da primeira igreja dedicada à Nossa Senhora da Glória

• 07-10-1571 – Papa Pio V institui o culto a Nossa Senhora da Vitória, após a portentosa vitória dos cristãos contra os turcos na batalha naval de Lepanto. O papa Gregório VIII alteraria o culto para Nossa Senhora do Rosário.

• 25-03-1646 – consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa por D. João IV, 1º rei da dinastia Bragança, pela vitória contra a Espanha na guerra de restauração.

• 1717 – Encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição nas águas do rio Paraíba do Sul dando origem à grandiosa devoção a Nossa Senhora Aparecida, hoje um dos maiores centros marianos do mundo.

Algumas INVOCAÇÕES/DENOMINAÇÕES DE NOSSA SENHORA:

- N. SENHORA DA CONC APARECIDA
- SANTA MARIA DE CLARAVAL
- NOSSA SENHORA DA GLÓRIA
- N. SENHORA DO PERPETUO SOCORRO
- SANTA MARIA DA VITÓRIA
- NOSSA SENHORA DOS PRAZERES
- NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS
- NOSSA SENHORA DAS DORES
- NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA
- NOSSA SENHORA DO BOM PARTO
- NOSSA SENHORA DO DESTERRO
- NOSSA SENHORA DAS BROTAS
- NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES
- NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO
- NOSSA SENHORA DA NATIVIDADE
- NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO
- NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO
- NOSSA SENHORA DA BOA HORA
- NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
- NOSSA SENHORA DA BOA MORTE
- NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM
- NOSSA SENHORA DO PILAR
- NOSSA SENHORA DO CARMO
- NOSSA SENHORA DE LAMPADUSA
- NOSSA SENHORA DO Ó
- NOSSA SENHORA DO MONTE
- NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
- NOSSA SENHORA DAS MERCÊS
- NOSSA SENHORA DA ESCADA
- NOSSA SENHORA DAS CABEÇAS
- NOSSA SENHORA DA AJUDA
- NOSSA SENHORA DA LUZ
- NOSSA SENHORA DE MONTSERRAT
- NOSSA SENHORA DA PENHA
- NOSSA SENHORA DOS ANJOS
- NOSSA SENHORA DE OLIVEIRA
- NOSSA SENHORA DA GUIA
- NOSSA SENHORA DAS NEVES
- NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO
- NOSSA SENHORA DAS ANGÚSTIAS
- N. SENHORA DOS DESAMPARADOS
- NOSSA SENHORA DOS AFLITOS
- NOSSA SENHORA DA PAZ
- NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
- N. SENHORA DO SANTO SEPULCRO
- NOSSA SENHORA DA PIEDADE
- NOSSA SENHORA DA ABADIA
- NOSSA SENHORA DA ESTRADA

NOSSA SENHORA DO PILAR E SUA APARIÇÃO AO APÓSTOLO SÃO TIAGO MAIOR

Nossa Senhora do Pilar, é o mais antigo título de Nossa Senhora, tendo origem há cerca de 2.000 anos na Espanha⁽¹⁾. Com a perseguição aos primeiros cristãos por parte dos judeus e autoridades romanas e em cumprimento à determinação de Jesus de que seus discípulos levassem o evangelho a todo o mundo, São Tiago Maior decidiu levar a boa nova à Espanha, então província romana. Antes da partida do fiel e destemido apóstolo, a própria mãe do senhor abençoou-o, dizendo-lhe:

“Vai, meu filho, cumprir a ordem de teu mestre e por ele te rogo que, naquela cidade de Espanha, em que maior número de almas converteres, edifiques uma igreja em minha memória, conforme o que eu te manifestar”.

Partindo de Jerusalém, passando por várias ilhas gregas e a Sicília, desembarcou em Gades não sendo bem recebido, mudou-se para outras cidades, onde igualmente encontrara rejeição. Em seu missionato, passaria por grandes provações, incluindo prisões.

Após infrutíferas pregações por várias províncias espanholas, passou por Toledo e chegou a Saragoça, cidade então chamada César Augusto, que margeava o rio Ebro. Ali conseguira converter, de início, oito varões ao evangelho do senhor, retirando-se com os mesmos, durante o período noturno, para orar e descansar. Não se achava satisfeito, todavia, o incansável apóstolo. Eis que, em uma dessas noites de vigília, uma fria noite de inverno europeu, São Tiago escutou dulcíssimas vozes de anjos em celestial coro – “Ave Maria, cheia de graça!” ajoelhando-se, incontinentemente, viu a virgem sentada num pilar de mármore e jaspe, em postura majestática, divina atmosfera, que lhe disse: “Eis aqui, meu filho, o lugar assinalado e destinado à minha honra, no qual, por teu cuidado e em minha memória, quero que seja edificada uma igreja; conserva este pilar onde estou sentada que meu filho e teu mestre enviou dos céus, pelas mãos dos anjos; junto a ele assentarás o altar da capela e nele habitará a virtude do altíssimo e os portentos e maravilhas de minha intercessão para aqueles que, em suas necessidades, implorarem o meu patrocínio e este pilar permanecerá aqui até o fim do mundo e nunca faltarão nesta cidade verdadeiros cristãos que honrem o nome de Jesus Cristo, meu filho!”. Tinha ela se bilocado, cerca de 2.500 km até a Espanha, (segundo biblistas, maria vivia à época em Éfeso, na atual Turquia) a fim de confortar o intempestivo e abnegado apóstolo, então em dificuldades, e que ali se achava há cerca de sete anos pregando incansavelmente o evangelho, atendendo, destemido, o pedido do mestre Jesus na noite de pentecostes para se levar a palavra do senhor até os confins da terra.

O coro dos anjos, a seguir, retornou com Maria para sua casa. A Virgem Maria, após essa extraordinária aparição de ubiquidade, ainda viveu por mais onze anos. Tocado pela aparição, São Tiago edificou, com o auxílio dos discípulos, pequena capela - o primeiro templo mariano do mundo - colocando o pilar na parte de cima do altar, voltado (o pilar) para o rio Ebro.

AS VISÕES DE CATHARINA EMMERICH - “ali, segundo Catharina Emmerich (1774-1824), célebre mística e vidente alemã, Tiago converteu muita gente, ruas inteiras creram no senhor, com exceção apenas dos que ainda aderiam ao paganismo. Vi Tiago correr também muitos perigos. Soltavam contra ele víboras, as quais tomava tranquilamente nas mãos e não lhe faziam mal, mas viravam-se contra os idólatras que o cercavam e estes, vendo o milagre, começaram a temê-lo. Vi também que em granada, onde apenas começara a pregar, foi preso com todos os discípulos e cristãos. Tiago invocou no coração o socorro e a proteção da Santíssima Virgem, que, nesse tempo, ainda vivia em Jerusalém e Maria salvou-o com todos os seus discípulos, por intermédio de anjos. A Virgem Santíssima mandou-lhe por um anjo a ordem de ir a Galícia, pregar ali a fé e depois voltar.

Vi Tiago, após a volta, em grandes tribulações, por causa de uma iminente perseguição e provação da comunidade cristã de Saragoça. Rezava numa noite à beira do rio, fora dos muros da cidade, junto com alguns discípulos, pedindo a Deus conselho, se devia ficar ou fugir. Lembrou-se também da Santíssima Virgem e suplicou-lhe que o ajudasse a pedir luzes e auxílio do filho que, certamente, não lhe negaria. Então vi subitamente aparecer por cima do apóstolo, um esplendor no céu e anjos que entoavam um magnífico canto e transportavam uma coluna resplandecente, que da base projetava um raio fino de luz sobre um lugar, alguns passos distantes de Tiago, como para indicar esse ponto. A coluna tinha um brilho vermelho, era atravessada por muitas veias, muito alta e delgada, terminando em cima como um lírio, que se abria em línguas de luz, das quais uma raivava longe em direção a Compostela, a oeste; as outras, porém, para as regiões próximas, formando um pilar.

Nessa flor de luz, vi a figura da Santíssima Virgem em pé, como sempre ficava em vida na terra, durante a oração, toda branca e transparente, como um brilho mais belo e suave que o da seda branca estava de mãos postas, uma parte do longo véu cobria-lhe a cabeça; a outra parte, porém, envolvia-se até os pés, de modo que com os pés pequenos e delicados cobriam sobre cinco pétalas da flor da luz. Era um quadro indizivelmente doce e belo...

Vi que Tiago, orando de joelhos, levantou os olhos e recebeu interiormente de Maria a ordem de, sem demora, construir nesse lugar um templo, em que a intercessão de Maria se firmasse como uma coluna. Ao mesmo tempo, lhe anunciou a Virgem Santíssima que, depois de acabar a construção da igreja, devia ir a Jerusalém. Tiago levantou-se, chamou os discípulos que já tinham visto a luz e correram para junto dele e comunicou-lhes a aparição milagrosa e todos seguiram com os olhos o esplendor que ia desaparecendo. Nossa Senhora consolou o apóstolo, dizendo-lhe que, no futuro, a fé daquele povo seria forte e profunda, sendo a Espanha, hoje, uma das maiores nações cristãs do mundo. Renovado, sem perder tempo, Tiago, com a ajuda de discípulos, iniciou a construção da igreja, executando em Saragoça a ordem de Maria, Tiago constituiu, ademais, uma comissão de doze discípulos, entre os quais também homens doutos, que deviam continuar a obra, que começara com tantas dificuldades e tribulações, mas que seria futuramente um dos mais importantes e imponentes santuários da Espanha.

A primitiva capela erguida por São Tiago e discípulos, seria reconstruída e ampliada no decorrer dos séculos, até se tornar a monumental basílica - centro vivo e permanente de peregrinações - que acolhe milhares de fiéis de todas as partes do mundo que vêm venerar a Virgem do Pilar, ela que é refúgio dos pecadores, consoladora dos aflitos e mãe da Espanha. Ai se registram milagres, aí a Senhora do Pilar aconchega a todos em clima de reconciliação, graça, diálogo e louvor a deus.

São Tiago retornaria a Jerusalém, conforme lhe ordenara a virgem, onde seria martirizado no ano 44 d.C., acompanhado de dois discípulos, deslocando-se por Massília no Sul da França, Roma, passando por Éfeso a fim de encontrar Maria, que ali vivia em companhia do apóstolo João Evangelista, irmão de Tiago. Dali prosseguiria viagem até Jerusalém, onde foi decapitado.

O primeiro apóstolo a ser imolado e a única morte de um dos doze discípulos de Jesus

narrada na bíblia (at 12,1-2). Seu corpo esteve algum tempo num sepulcro em Jerusalém, sendo levado por dois de seus discípulos - José de Arimatéia e Saturnino - à Galícia, no noroeste da Península Ibérica, onde o enterraram. Encontrariam os seus discípulos, contudo, perseguições por parte da perversa Rainha Lupa, que tentou, por todas as formas, impedir ali o sepultamento⁽²⁾. A viagem, realizada de barco, se iniciou no porto de Jaffa (hoje um bairro de Tel-aviv em Israel), contornando o mediterrâneo, a atual costa portuguesa, até o local na Galícia, onde séculos depois, em 814, sua tumba seria descoberta, propiciando inumeráveis milagres e que se tornaria um dos maiores centros de peregrinação mundial.

As peregrinações a Santiago de Compostela, um dos maiores eventos religiosos do período medieval, contribuíram sensivelmente para os processos de difusão e devoção mariana por toda a Península Ibérica, criando-se e sedimentando-se uma densa circulação geográfica. Por duas vezes, o S. Papa João Paulo II escolheu o Santuário do Pilar como primeiro passo em suas viagens à América Latina: em 1979 para a conferência de Puebla e em 1992 para inaugurar as comemorações do V centenário do descobrimento da América e o início da evangelização no continente americano. O Papa exclamou em sua homilia na basílica: “Ela (Maria) tem que ser cada vez mais a pedagoga do evangelho na América Latina (Puebla 290). Sim, continuou o S. Papa, a pedagoga, a que nos conduz pela mão, que nos ensina a cumprir o mandato missionário de seu filho e a guardar tudo o que ele nos ensinou. O amor à virgem Maria, mãe e modelo da igreja, é garantia de autenticidade e da eficácia redentora de nossa fé cristã”.

É popular na Espanha, em especial na região de Aragón, a jaculatória: “Bendita seja a hora em que a virgem veio em carne mortal a Saragoça”.

Vinte séculos passados, desde a aparição de Nossa Senhora a São Tiago, apesar de todas as intempéries, o pilar permanece intacto em Saragoça e em todo o planeta. A devoção a Nossa Senhora do Pilar é reconhecida pela igreja desde os primeiros tempos, sendo São Jerônimo - um dos mais notáveis doutores e polemistas da igreja - um dos primeiros a reconhecer e atestar a veracidade da aparição. Assim também, códices e painéis medievais fariam referência ao extraordinário acontecimento, irradiando-se o culto por toda a Península Ibérica, daí a inumeráveis países, dentre eles o Brasil, e a região das minas.

Segundo o pesquisador português José Velho Dantas o culto a Nossa Senhora do Pilar acha-se presente, desde o século XII, em Refoios de Lima (Ponte de Lima) onde existe uma antiga capela em honra a santa. O historiador Augusto de Lima aponta a devoção a Nossa Senhora do Pilar em Portugal desde o século XI cuja devoção tem enorme penetração na ibero-américa.

As primeiras localidades brasileiras, que se conhece, a acolher a devoção a Nossa Senhora do Pilar foram o Convento dos Carmelitas na Bahia, onde sua imagem foi entronizada em 1690; o Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, o Arraial de Vila Rica (Ouro Preto), onde em 1698, fora construída uma pequena ermida e ainda São João del-rei por volta de 1704. Também Sabará, Pitangui e Nova Lima registram a devoção à Virgem do Pilar no século XVIII e ainda Antonina (PR) em 1715.

A devoção a Nossa Senhora do Pilar, segundo alguns, teria chegado a Ouro Preto (Igreja do Pilar edificada entre 1711-1733) na expedição de Bartolomeu Bueno e dali chegado a São João del-Rei. Autores há, por outro lado, que afirmam que a imagem de Nossa Senhora do Pilar teria chegado a nossa região em 1708 por colonos (provavelmente da família Chaves, grandes povoadores da região de São João del-Rei) oriundos da freguesia de São João de Rei, concelho de povoação de Lanhoso, região do Minho, norte de Portugal. Para outros, o culto teria sido introduzido diretamente portaubateanos inexistindo consenso a respeito. Dentre outras cidades mineiras onde há culto a Nossa Senhora do Pilar incluem-se Morro do Pilar (antigo Morro do Gaspar Soares), Sabará, Piranga, Nova Lima, Pitangui. Em São Paulo, encontram-se devoções em Taubaté, (igreja construída entre 1725-1748), na capital, Ribeirão Pires (1714) Em outras partes do país, há menção ao culto à virgem do pilar nas cidades de Aracaju, Recife, Olinda, Itamaracá ainda nos séculos XVII e XVIII.

Segundo Augusto de Lima Junior, mesmo após a restauração - com a ascensão da dinastia dos Bragança ao trono português e o fim da união ibérica entre Espanha e Portugal em 1640 - o culto à Virgem do Pilar ganhou “grandes proporções”, chegando primeiramente à Bahia, dali se espalhando por outras capitânias (In “História de Nossa Senhora em Minas Gerais” Belo Horizonte, autêntica editora/editora PUC MINAS, 2008, p. 52).

Nas cidades históricas de Ouro Preto e São João del-rei, Nossa Senhora do Pilar reina como padroeira desde o século XVIII e os templos a ela ali dedicados são dos mais suntuosos do período barroco mineiro. Segundo Matol, o arraial de São João del-rei se formou por volta de 1704 “ao pé do morro pela paragem que está da matriz até o mesmo morro com uma capela dedicada à Nossa Senhora do Pilar...” então conhecido como Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar em razão do arraial de Santo Antonio (atual Tiradentes) ser primeiro, pelo que ficou sendo arraial velho...” esta primeira igreja seria destruída por um incêndio provocado por emboabas, sendo provisionada a construção da atual catedral em 12-09-1721 (apud Waldemar de Almeida Barbosa - “Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais” pp. 317/319).

A matriz de Nossa Senhora do Pilar tornou-se, desde os seus primórdios, o principal polo de devoção de toda a região, sendo São João del-rei sede da maior comarca da província, entreposto comercial e encruzilhada de inúmeras rotas que atravessavam os sertões mineiros ou que se dirigiam ao litoral. São João del-rei foi elevada à condição de vila em 1713 e de sede da comarca do rio das Mortes em 1714.

NOTAS

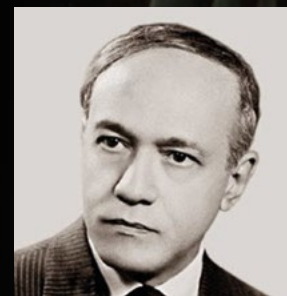
(1) A manifestação de Nossa Senhora ao apóstolo São Tiago é reconhecida pela igreja, desde os seus primórdios, intelectuais cristãos letrados como Hipólito de Roma, Tertuliano, Felix I, Justino, Epifânio de Salamina sustentaram o poder da virgem, sua contribuição e atuação magistral entre os homens, desde a formação e expansão das primeiras igrejas.

Segundo Eduardo Hoornaert, a expansão do cristianismo deu-se principalmente em função da religiosidade popular, da vivência cristã da plebe, seja nas conversas diárias - comércio, ruas, lares - seja na rede associativa, de resgate da dignidade da pessoa, de apoio aos pobres, estrangeiros, enfermos, escravos. Maria surge como a mãe, a cooperadora, a intercessora junto ao filho, ganhando o apoio dos primeiros patriarcas e pais da igreja, dos concílios realizados e dos fiéis (In “O que há por trás da religiosidade popular?” publicado em “Vida Pastoral” n. 54, março/abril 2013, pp. 3-10).

(2) Ver matéria, a esse respeito, em nosso boletim nº CLIV - julho/2020.

Jorge de Lima: Poema de Natal

(1893 – 1953)



O alagoano Jorge de Lima foi político, médico, pintor, biógrafo, ensaísta, tradutor, romancista mas, principalmente, foi poeta. Construiu uma das trajetórias mais vigorosas da literatura brasileira do século XX. Autor, a princípio, de versos parnasianos que fizeram grande sucesso, aderiu ao modernismo em 1925. Os livros Poemas, Novos Poemas, Poemas Escolhidos e o célebre Poemas Negros, de 1947, enveredam pelo regionalismo, pela linguagem coloquial, por imagens do folclore e da cultura negra. O último desses volumes inclui o famoso poema Essa Negra Fulô, sua obra mais citada. Seguindo as sendas de um surrealismo místico, converteu-se ao cristianismo, como seu amigo Murilo Mendes, em 1935. A seguir o Poema de Natal de Jorge de Lima.

Poema de Natal

Ó Meu Jesus, quando você
ficar assim maiorzinho
venha para darmos um passeio
que eu também gosto de crianças.
Iremos ver as feras mansas
que há no jardim zoológico.
E em qualquer dia feriado
iremos, então, por exemplo,
ver Cristo Rei do Corcovado.
E quem passar
vendo o menino
há de dizer: ali vai o filho
de Nossa Senhora da Conceição!
— Aquele menino que vai ali
(diversos homens logo dirão)
sabe mais coisas que todos nós!
— Bom dia, Jesus! — dirá uma voz.
E outras vozes cochicharão:
— É o belo menino que está no livro
da minha primeira comunhão!
— Como está forte! — Nada mudou!
— Que boa saúde! Que boas cores!
(Dirão adiante outros senhores.)
Mas outra gente de aspecto vário

há de dizer ao ver você:
— É o menino do carpinteiro!
E vendo esses modos de operário
que sai aos domingos para passear,
nos convidarão para irmos juntos
os camaradas visitar.
E quando voltarmos
pra casa, à noite,
e forem para o vício os pecadores,
eles sem dúvida me convidarão.
Eu hei de inventar pretextos sutis
pra você me deixar sozinho ir.
Menino Jesus, miserere nobis,
segure com força a minha mão.

PINHEIRO DE NATAL

O pinheiro é um grande símbolo do Natal que simboliza a vida, porque é uma das poucas árvores que sempre se mantém verde, mesmo durante o inverno quando a maioria das árvores perdem suas folhas. O costume de enfeitar árvores de Natal é comum entre católicos, protestantes, ortodoxos e até ateus.

O nome científico do pinheiro de Natal é *Araucaria columnaris* é muito comum no Brasil e principalmente na região sul.

Conta-se a lenda que na noite que Jesus nasceu, junto ao estábulo tinha três árvores esplendorosas: a Tamareira que ofereceu ao menino, doces tâmaras, a Oliveira que ofereceram lindas azeitonas e o Pinheiro que ficou triste, pois não tinha nada para oferecer, apenas sua sombra.

Em 1419 conta-se que os padeiros numa cidade da Alemanha começaram a decorar as árvores todos os anos usando frutas; maçãs e nozes. No dia do ano novo, as crianças podiam sacudir as árvores e comerem as frutas.

Porém, o primeiro registro de uma árvore para celebrar o Natal, ocorreu na Letônia em 1510, depois em 1530

na Alemanha. Martinho Lutero recolheu galhos num bosque e montou uma árvore no Natal. Os portugueses trouxeram essa tradição para o Brasil.

Em São Tiago, sempre houve a tradição da montagem da árvore de Natal usando plantas diversas como tuias, ciprestes, palmeira e até galhos secos quem eram ornamentados com algodão simbolizando neve, além dos enfeites com papel de seda, celofane, crepom etc. Com o tempo, estas técnicas foram aperfeiçoando com a chegada do “pisca-pisca”, luzes coloridas, bolas prateadas, douradas, enfeites diversos etc.

Seja numa linda árvore iluminada, seja num simples galho, deixamos que esta magia envolva nossos lares, nossas casas com fé, oração, reflexão, solidariedade, partilha e gratidão. Que debaixo deste pinheiro de Natal, Jesus na sua manjedoura possa proteger e abençoar todas as famílias. Feliz Natal!

Maria Elena Caputo - Membro do IHGST

